

A Caminho de Kṛṣṇa

1. Em busca da felicidade

Todos nós estamos à procura da felicidade, mas não sabemos o que é a verdadeira felicidade. Vemos tanta propaganda sobre a felicidade mas, na prática, vemos tão poucas pessoas felizes. Isto porque poucos sabem que a verdadeira felicidade está além das coisas temporárias. E é esta verdadeira felicidade que o Senhor Kṛṣṇa explica para Arjuna no *Bhagavad-gītā*

De modo geral, podemos perceber a felicidade através de nossos sentidos. Uma pedra, por exemplo, não tem sentidos e, portanto, não consegue compreender o que é felicidade ou miséria. Uma consciência desenvolvida pode perceber a felicidade e a miséria com mais intensidade do que uma consciência que ainda não está desenvolvida. Por exemplo, as árvores têm consciência, mas esta ainda não está desenvolvida. Elas vivem por muito tempo, sob todos os tipos de clima, mas lhes é impossível entender o que é a miséria. Se um ser humano tivesse que ficar como uma árvore por apenas três dias, ou até menos, ele não seria capaz de tolerar. A conclusão é que cada ser vivo sente felicidade ou miséria de acordo com o grau de desenvolvimento de sua consciência.

A felicidade que experimentamos neste mundo material não é verdadeira felicidade. Se pudéssemos perguntar a uma árvore se ela está se sentindo feliz, ela talvez respondesse: “Sim, sou muito feliz, permanecendo aqui o tempo inteiro. Gosto muito do vento, da neve, etc”. Talvez a árvore goste disto, mas considera-se um padrão muito baixo de prazer para um ser humano. Existem diferentes classes e graus de seres vivos, e seus conceitos e percepções sobre felicidade também são de diferentes classes e graus. Talvez um animal veja outro animal sendo abatido, ainda assim ele continuará pastando, pois ele não tem inteligência para compreender que ele pode ser o próximo. Ele continua achando que é feliz, apesar dele poder ser morto no momento seguinte.

Existem diferentes graus de felicidade. E de todos, qual é o mais elevado? Śrī Kṛṣṇa diz a Arjuna:

*sukham ātyantikam yat tad / buddhi-grāhyam atīndriyam
vetti yatra na caivāyam / sthitaś calati tattvataḥ*

“Nesse estado de bem-aventurança (*samādhi*), a pessoa se situa em ilimitada felicidade espiritual e desfruta através de seus sentidos transcendentais. Nesse estado, ele nunca se afasta da verdade” (*Bhagavad-gītā* 6.21).

Buddhi quer dizer inteligência. Temos de ser inteligentes se queremos desfrutar. Os animais não têm inteligência desenvolvida o bastante para poderem desfrutar a vida como os seres humanos. Todas os membros do corpo e órgãos dos sentidos, tais como as mãos, o nariz e os olhos, podem estar presentes num defunto, porém, ele não pode desfrutar. E por que não? A energia de desfrute, a centelha espiritual, partiu e, portanto, o corpo não tem mais poder. Se pesquisamos melhor o assunto com um pouco de inteligência, podemos compreender que não era o corpo que desfrutava mas sim a diminuta centelha espiritual que estava dentro dele. Embora alguém pense que está desfrutando através de seus órgãos sensoriais, o verdadeiro desfrutador é esta centelha espiritual. Essa centelha possui sempre a potência do prazer, mas isto não se manifesta sempre por ela estar coberta pelo tabernáculo material. Talvez não estejamos cientes deste fato, mas não é possível fazer o corpo experimentar o prazer sem a presença dessa centelha espiritual. Se oferecessem a um homem o cadáver de uma bela mulher, será que ele iria aceitá-lo? Não, porque a centelha espiritual deixou aquele corpo. Não só essa centelha desfrutava dentro do corpo, como também o mantinha. Quando tal centelha vai-se embora, o corpo simplesmente começa a se deteriorar.

Podemos entender, então, que, se o espírito desfruta, ele deve ter seus próprios sentidos, caso contrário como poderia desfrutar? Os *Vedas* confirmam que a alma espiritual, embora atômica em tamanho, é o verdadeiro agente desfrutador. Não é possível medir a alma, mas isto não quer dizer que ela não tenha tamanho. Pode nos parecer que certo objeto não seja maior que um simples ponto, que talvez não tenha comprimento nem largura, mas quando o observamos em um microscópio, podemos ver o seu tamanho. Da mesma forma, a alma tem suas dimensões, mas não conseguimos percebê-las. Um terno ou vestido são feitos especialmente para se ajustarem ao corpo. A centelha espiritual tem de possuir forma, caso contrário, como é que o corpo material cresce para acomodá-la? A conclusão é que a centelha espiritual não é impessoal. Ela é de fato uma pessoa. Deus é realmente uma pessoa, e a centelha espiritual, sendo parte fragmentária dEle, também é uma pessoa. Se o pai tem personalidade e individualidade, o filho também as tem. Assim, se o filho as tem,

podemos concluir que o pai também deve tê-las. Portanto, como podemos nós, filhos de Deus, afirmar nossas personalidade e individualidade e ao mesmo tempo negá-las em nosso Pai, o Senhor Supremo?

Atīndriyam quer dizer que temos de transcender esses sentidos materiais antes que possamos apreciar a verdadeira felicidade. *Ramante yogino 'nante satyānanda-cid-ātmani*: Os *yogīs* que aspiram pela vida espiritual também desfrutaram, concentrando-se na Superalma interior. Se não existisse prazer, se não existisse desfrute, por que, então, eles se submetem a tantos problemas para controlar os sentidos? Que espécie de prazer os *yogīs* saboreiam se eles têm de se submeter a tantos problemas? Esse prazer é *ananta* — ilimitado. Como é isto? A alma espiritual é eterna, e o Senhor Supremo também é eterno. Portanto, a reciprocidade de seus intercâmbios amorosos também deve ser eterna. Quem for deveras inteligente vai se restringir do oscilante desfrute dos sentidos deste corpo material e fixar seu objeto de prazer na vida espiritual. Sua participação com o Senhor Supremo na vida espiritual chama-se *rāsa-līlā*.

Sempre ouvimos falar da *rāsa-līlā* de Kṛṣṇa com as vaqueirinhas em Vṛndāvana. Não é como os casos amorosos comuns que acontecem entre esses corpos materiais. Ao contrário, é uma troca de sentimentos através dos corpos espirituais. Devemos ser inteligentes o bastante para compreender isto, pois um tolo, que não consegue compreender o que é verdadeira felicidade, vai buscá-la neste mundo material. Na Índia, conta-se a história de um homem que não conhecia cana-de-açúcar e disseram-lhe que ela era muito doce quando mascada. “Oh! como ela é?” perguntou ele, então. “Parece com um bambu”, respondeu alguém. O tolo começou a mascar todos os tipos de bambu. Como poderia ele experimentar assim a doçura da cana-de-açúcar? Da mesma forma, estamos tentando obter felicidade e prazer, mas estamos à busca disto mascarando este corpo material.

Por isso, não conseguimos nem felicidade nem prazer. No presente pode ser que possamos sentir um pouco de prazer, mas este não é o verdadeiro prazer, pois é temporário. É como se fosse o clarão de relâmpagos no céu que pode parecer com o raio, mas o verdadeiro raio está além disto. Porque não conhece o que é felicidade, a pessoa se afasta da verdadeira felicidade.

O processo pelo qual podemos nos estabelecer em verdadeira felicidade chama-se consciência de Kṛṣṇa. Através da consciência de Kṛṣṇa podemos desenvolver pouco a pouco nossa verdadeira inteligência e saborear a felicidade espiritual à medida que progredimos espiritualmente. À medida que começamos a desfrutar esta felicidade espiritual, abandonamos a felicidade material. Quando avançamos na compreensão da Verdade Absoluta, naturalmente nos desapregamos desta felicidade falsa. Qual será o resultado quando somos promovidos a este estado de consciência de Kṛṣṇa?

*yam labdhvā cāparam lābham / manyate nādhikam tataḥ
yasmin sthīto na duḥkhena / guruṇāpi vicālyate*

“Quando alcança semelhante etapa, ele pensa que não há ganho maior. Situando-se nessa posição, ele não oscila, mesmo em meio a maior dificuldade” (*Bhagavad-gītā* 6.22).

Todas as outras conquistas parecerão insignificantes quando se alcança essa etapa. Tentamos obter tantas coisas neste mundo material — riquezas, mulheres, fama, beleza, conhecimento, etc. — mas assim que nos situarmos em consciência de Kṛṣṇa, concluiremos que não há nada melhor. A consciência de Kṛṣṇa é tão potente que o pouco que provarmos dela poderá nos salvar do maior dos perigos. Quando começamos a saborear o gosto da consciência de Kṛṣṇa, passamos a ver os outros supostos desfrutes e conquistas como insípidos e monótonos. E o maior dos perigos não poderá nos assolar se nos situarmos em firme consciência de Kṛṣṇa. Existem muitos perigos na vida, pois este mundo material é um local perigoso. Temos a tendência de fechar os olhos para isto e, porque somos tão tolos, tentamos nos acomodar a estes perigos. Podemos ter muitos momentos perigosos na vida, mas não nos importaremos com isto, se treinarmos nossa consciência de Kṛṣṇa e prepararmos-nos para voltar ao lar, voltar ao Supremo. Nossa atitude será então: “Perigos surgem e desaparecem — deixe que aconteçam”. Será muito difícil pensarmos assim se estivermos na plataforma materialista e nos identificarmos com o corpo grosseiro, que é constituído de elementos perecíveis. Porém, quanto mais avançamos em consciência de Kṛṣṇa, mais nos livramos das designações corpóreas e deste enredamento material.

O *Śrīmad-Bhāgavatam* compara este mundo material a um grande oceano. Dentro deste universo material existem milhões e bilhões de planetas flutuando no espaço, e podemos imaginar quantos oceanos Pacíficos e Atlânticos existem. De fato, todo o universo material é comparado a um grande oceano de miséria, um oceano de nascimentos e mortes. Para cruzarmos este grande oceano de ignorância, precisamos de um forte barco. Este barco forte é os pés de lótus de Kṛṣṇa, no qual devemos embarcar imediatamente. Não devemos hesitar, pensando que os pés de Kṛṣṇa são muito pequenos. O Universo inteiro simplesmente repousa em Suas pernas. Diz-se que, para aquele que se refugia aos pés de Kṛṣṇa, o

A Caminho de Kṛṣṇa

universo material se torna mais insignificante que a poça d'água contida na impressão da pegada de um bezerro. Por certo que não há dificuldade em atravessar poça tão pequena.

taṁ vidyād duḥkha-saṁyoga-viyogaṁ yoga-saṁjñitam

“De fato esta é a verdadeira liberdade de todas as misérias que surgem do contato material” (*Bhagavad-gītā* 6.23). Estamos enredados neste mundo material devido a nossos sentidos descontrolados. O processo da *yoga* destina-se a controlar esses sentidos. Se conseguirmos controlar os sentidos, poderemos nos voltar para a verdadeira felicidade espiritual e fazer de nossas vidas um sucesso.

“A pessoa deve praticar *yoga* com determinação e fé inabaláveis. Ela deve abandonar, sem exceção, todos os desejos materiais que surgem do falso ego e controlar assim, através da mente, todos os sentidos, sob todos os aspectos. Com plena convicção, a pessoa deve situar-se pouco a pouco em transe por meio da inteligência, e assim a mente deve se fixar apenas no Eu e não deve pensar em nada mais. Por onde quer que a mente divague, devido à sua natureza oscilante, a pessoa deve retrai-la e trazê-la de volta ao controle do Eu” (*Bhagavad-gītā* 6.24-26).

A mente está sempre perturbada. Ora vai por este caminho, ora por aquele. Através da prática da *yoga* podemos, literalmente, trazer a mente à consciência de Kṛṣṇa. A mente se diverge da consciência de Kṛṣṇa para tantos objetos materiais por ser essa a nossa prática desde tempos imemoriais, vida após vida. É devido a este fato que talvez haja muita dificuldade no começo, quando se tenta fixar a mente em consciência de Kṛṣṇa. Porém, podemos superar todas essas dificuldades.

A mente corre de um pensamento a outro porque está agitada e não se fixa em Kṛṣṇa. Por exemplo, podemos estar fazendo qualquer coisa, porém, lembranças de eventos que aconteceram há dez, vinte, trinta ou quarenta anos podem surgir repentinamente sem qualquer razão aparente. Estes pensamentos surgem de nosso subconsciente, e a mente se agita pois eles estão sempre aparecendo. Se agitarmos um lago ou poça d'água, toda a lama depositada no fundo virá à tona. De forma semelhante, ao agitarmos a mente, inúmeros pensamentos surgirão do subconsciente, pensamentos estes que estiveram guardados lá por muitos anos. Se não agitarmos a água de um lago, a lama ficará no fundo. Este processo de *yoga* é o meio de acalmar a mente e fazer com que todos esses pensamentos repousem. Por esta razão existem tantas regras e regulações que devemos seguir para evitar que a mente se perturbe. Se seguirmos todas essas regras, com o passar do tempo a mente estará sob controle. Há tantos façam e não-façam, e teremos de segui-los se formos realmente sérios em treinar a mente. Qual será a possibilidade de controlarmos a mente se agirmos por capricho? Por fim, quando estiver adestrada a ponto de não pensar em nada mais além de Kṛṣṇa, a mente alcançará a paz e ficará tranqüila.

*praśānta-manasaṁ hy enaṁ / yoginaṁ sukham uttamam
upāiti śānta-rajasaṁ / brahma-bhūtam akalmaṣam*

“O *yogī* cuja mente se fixou em Mim com certeza alcança a felicidade mais elevada. Em virtude de sua identidade com o Brahman, ele se libera. Sua mente se tranqüiliza, suas paixões se acalmam e ele se livra do pecado” (*Bhagavad-gītā* 6.27).

A mente está sempre inventando objetos para obter a felicidade. Estou sempre pensando que isto me fará feliz ou que aquilo me fará feliz, que a felicidade está aqui ou que a felicidade está ali. É deste modo que a mente nos leva para toda parte: como se estivéssemos andando de charrete puxada por um cavalo sem rédeas. Não temos o poder de dizer aonde queremos ir e somente podemos ficar horrorizados sem obter ajuda alguma. Porém, tão logo a mente se ocupa no processo da consciência de Kṛṣṇa — especificamente através do cantar de Hare Kṛṣṇa, Hare Kṛṣṇa, Kṛṣṇa Kṛṣṇa, Hare Hare / Hare Rāma, Hare Rāma, Rāma Rāma, Hare Hare — os cavalos selvagens da mente pouco a pouco se submeterão ao nosso controle. Para evitarmos que a mente, turbulenta e inquieta, nos jogue de um objeto a outro em uma busca inútil pela felicidade neste mundo material temporário, devemos nos ocupar no serviço a Kṛṣṇa a cada momento de nossas vidas.

*yuñjann evaṁ sadātmānaṁ / yogī vigata-kalmaṣaḥ
sukhena brahma-saṁsparśam / atyantam sukham aśnute*

“Fixando-se no Eu e livrando-se de toda a contaminação material, o *yogī* alcança o nível perfectivo supremo da felicidade, em contato com a consciência suprema” (*Bhagavad-gītā* 6.28).

Kṛṣṇa age como um protetor para quem se devota a Ele. O protetor o salva sempre que ele estiver em

A Caminho de Kṛṣṇa

dificuldades. Como se afirma no *Bhagavad-gītā*, Kṛṣṇa é o verdadeiro amigo de todos os seres vivos, e temos de reviver nossa amizade com Ele. O método para revivermos essa amizade é o processo da consciência de Kṛṣṇa. Acabaremos com os anseios, apaixonados e mundanos, através da prática da consciência de Kṛṣṇa. Esses anseios apaixonados nos mantêm separados de Kṛṣṇa. Kṛṣṇa está dentro de nós e espera o momento de nos voltarmos a Ele. Porém, estamos tão atarefados, apaixonadamente comendo os frutos da árvore do desejo material. Temos de parar com esta coerção apaixonada, que nos impele a gozarmos esses frutos e devemos nos situar em nossa verdadeira identidade como Brahman — espírito puro.

2. O processo de cantar e de conhecer Kṛṣṇa

Hare Kṛṣṇa, Hare Kṛṣṇa, Kṛṣṇa Kṛṣṇa, Hare Hare/ Hare Rāma, Hare Rāma, Rāma Rāma, Hare Hare. Isto é vibração sonora transcendental. Ela nos ajudará a limpar a poeira do espelho da mente. Já acumulamos tanta sujeira material no espelho de nossas mentes, assim como existe tanta poeira e fuligem na Segunda Avenida (Cidade de Nova Iorque) por causa do trânsito tão intenso. Muita sujeira foi acumulada no espelho limpo de nossas mentes porque estamos manipulando as atividades materiais. Por conseguinte, somos incapazes de ver as coisas em suas perspectivas reais. Esta vibração do som transcendental (o *mantra* Hare Kṛṣṇa) vai limpar esta sujeira e capacitar-nos a ver com clareza nossa verdadeira posição constitucional. Quando compreendermos que “eu não sou este corpo; sou alma espiritual; e o sintoma disto é minha consciência”, então seremos capazes de nos estabelecer na verdadeira felicidade. Todos os nossos problemas materiais desaparecerão à medida que nossa consciência se purificar através deste processo de cantar Hare Kṛṣṇa. Existe um fogo que está sempre ardendo neste mundo material, porém, todos tentam apagá-lo. Não há possibilidade de apagar este fogo das misérias da natureza material a não ser que nos situemos em nossa consciência pura, em nossa vida espiritual.

Um dos propósitos do advento ou aparecimento de Kṛṣṇa neste mundo material é extinguir o fogo da existência material para o benefício de todos os seres vivos. Com este propósito Kṛṣṇa estabelece o *dharma*.

“Sempre e onde quer que haja um declínio na prática religiosa, ó descendente de Bharata, e o predominante aumento da irreligião — neste momento, Eu próprio apareço. Para libertar os piedosos e aniquilar os canalhas, bem como para restabelecer os princípios religiosos, Eu mesmo apareço, milênio após milênio” (*Bhagavad-gītā* 4.7-8).

Neste verso, usa-se a palavra *dharma*. Esta palavra foi traduzida de diversas maneiras. Às vezes, é traduzida por “fé”, mas, de acordo com a literatura védica, *dharma* não é uma espécie de fé. A fé pode mudar, porém, o *dharma* não. Não se pode mudar a liquidez da água. Se for mudada, como, por exemplo, quando a água se solidifica, ela já não está mais em sua posição constitucional. Ela existe sob uma certa condição qualificativa. Nosso *dharma*, ou posição constitucional, é que somos partes integrantes do Supremo e, sendo assim, temos de ajustar ou submeter nossa consciência ao Supremo.

Essa posição de serviço transcendental que prestamos ao Senhor Supremo está sendo mal empregada devido ao contato material. O serviço é inerente a nossa posição constitucional. Todos são servos e ninguém é o senhor. Todos servem alguém mais. Embora o presidente seja o chefe executivo da nação, ainda assim ele serve o Estado, que pode exonerá-lo quando seus serviços não lhe são mais necessários. Considerar-se o senhor de tudo o que contempla chama-se *māyā*, ilusão. Portanto, nessa consciência mundana, direcionamos mal nossos serviços sob várias designações. Quando pudermos nos livrar dessas designações, isto é, quando limparmos do espelho da mente toda essa poeira, conseguiremos ver a nós mesmos em nossa verdadeira posição de servos eternos de Kṛṣṇa.

Ninguém deve pensar que seu serviço no mundo material é igual a seu serviço na atmosfera espiritual. Podemos temer o pensamento de continuar um servo após a liberação. Isto porque temos a experiência de que não é nada agradável ser servo neste mundo material. Porém, o serviço transcendental não é assim. No mundo espiritual não há diferença entre o servo e o amo. É óbvio que aqui existe essa diferença, mas no mundo absoluto tudo é um. Por exemplo, podemos ver no *Bhagavad-gītā* que Kṛṣṇa aceitou a posição de servo ao agir como quadrigário de Arjuna. Em sua posição constitucional, Arjuna é servo de Kṛṣṇa, mas podemos ver que às vezes o Senhor, em comportamento, torna-Se servo do servo. Portanto, devemos ser muito cautelosos e não levarmos idéias materialistas ao reino espiritual. Tudo o que experimentamos materialmente é apenas um reflexo pervertido das coisas na vida espiritual.

Quando o *dharma*, ou nossa posição constitucional, está afetado devido à contaminação da matéria, o próprio Senhor aparece como uma encarnação, ou manda um de Seus servos confidenciais. O Senhor Jesus Cristo dizia-se “filho de Deus” e, portanto, é um representante do Supremo. Da mesma forma, Maomé identificava-se como servo do Senhor Supremo. Logo, sempre que há uma discrepância em nossa posição constitucional, o Senhor Supremo, quer pessoalmente quer através de um de Seus representantes, cientificamos da verdadeira posição da entidade viva.

Não podemos, portanto, cometer o equívoco de pensar que *dharma* é uma fé inventada. No verdadeiro sentido da palavra, *dharma* jamais pode se separar da entidade viva. Ele é para a entidade viva o que a doçura é para o açúcar, ou a salsugem para o sal, ou a solidez para a pedra. Em nenhum dos casos pode-se separar as duas coisas. O *dharma* do ser vivo é servir, e é fácil observarmos que todos os seres vivos têm a tendência de servir, a si próprios ou os outros. Como servir Kṛṣṇa, como se desenredar do serviço materialista, como alcançar

A Caminho de Kṛṣṇa

consciência de Kṛṣṇa e livrar-se das designações materiais — tudo isso é ensinado cientificamente por Śrī Kṛṣṇa no *Bhagavad-gītā*

A palavra *sādhu*, do verso supracitado — *paritrāṇāya sādḥūnām* — refere-se a um santo ou pessoa santa. A pessoa santa é tolerante, bondosa para com todos, amistosa com todas as entidades vivas, não é inimiga de ninguém e é sempre pacífica. Há vinte e seis qualificações básicas para um santo, e no *Bhagavad-gītā* o próprio Śrī Kṛṣṇa dá o seguinte veredicto:

*api cet sudurācāro / bhajate mām ananya-bhāḥ
sādhur eva sa mantavyaḥ / samyag vyavasito hi saḥ*

“Mesmo que alguém cometa ações das mais abomináveis, se estiver ocupado em serviço devocional deve ser considerado santo porque está devidamente situado” (*Bhagavad-gītā* 9.30).

No plano mundano, o que é moralidade para alguém é imoralidade para outrem, e vice-versa. De acordo com o conceito hindu, por exemplo, é imoral beber vinho, ao passo que no ocidente o vinho não só não é imoral como também muito comum. Portanto, moralidade depende da época, lugar, circunstância, posição social, etc. Há, no entanto, um sentido de moralidade e imoralidade em todas as sociedades. Kṛṣṇa ressalta neste verso que mesmo que alguém se ocupe em atos imorais, mas ao mesmo tempo esteja plenamente em consciência de Kṛṣṇa, deve ser considerado um *sādhu*, ou santo. Em outras palavras, embora possa ter hábitos imorais devido à sua associação passada, esses não serão considerados importantes se a pessoa estiver plenamente ocupada em consciência de Kṛṣṇa. Qualquer que seja o caso, se ela se tornar consciente de Kṛṣṇa, pouco a pouco vai se purificar e tornar-se um *sādhu*. À medida que avança na consecução da consciência de Kṛṣṇa, seus vícios diminuem e ela alcança a perfeição imaculada.

A este respeito, existe uma história do ladrão que partiu em peregrinação a uma cidade sagrada. No caminho, ele e os outros peregrinos, pararam para dormir em uma estalagem. Sendo viciado em roubar, o ladrão começou a elaborar planos para roubar os pertences dos outros peregrinos. Porém, ele pensou: “Estou indo em peregrinação, portanto, não me parece apropriado roubar estas bagagens. Não, eu não farei isto”. No entanto, por causa de seu vício, ele não conseguiu abandonar por completo o ato. Assim, ele pegou a mala de alguém e a colocou noutro lugar, e depois a mala de alguém mais e a colocou noutro lugar. Ele passou a noite inteira colocando diferentes malas em diferentes locais, mas, porque sua consciência o importunava, ele não pôde tirar nada das malas. De manhã, ao acordarem, todos os peregrinos começaram a procurar suas malas e não as encontravam. Houve um grande tumulto, mas por fim todos foram encontrando suas malas em diferentes locais. Após acharem todas as malas, o ladrão explicou: “Senhores, sou um ladrão e tenho o hábito de roubar durante a noite. Portanto, quis roubar alguma coisa de suas malas, porém, pensei que não seria bom roubar uma vez que estou indo a este lugar sagrado. Assim, talvez eu tenha trocado as bagagens mas, por favor, desculpem-me”. Isto é característico de um vício. Ele não quer mais roubar, porém, às vezes o faz pois ainda mantém o hábito. Logo, Kṛṣṇa diz que deve ser considerado um *sādhu* aquele que decidiu se restringir de seus vícios imorais e avançar na consciência de Kṛṣṇa, mesmo que, em virtude de seu hábito passado ou por acaso, ele ainda possa ceder a seu erro. No verso seguinte o Senhor Kṛṣṇa diz:

*kṣipram bhavati dharmātmā / śaśvac-chāntim nigacchati
kaunteya pratijānīhi / na me bhaktaḥ praṇaśyati*

“Ele rapidamente se torna virtuoso e alcança a paz duradoura. Ó filho de Kuntī, declara audaciosamente que Meu devoto nunca perece” (*Bhagavad-gītā* 9.31).

Uma vez que a pessoa se comprometeu à consciência de Kṛṣṇa, Kṛṣṇa proclama aqui que muitíssimo em breve ela se tornará santa. Pode-se desligar o ventilador, mas ele ainda vai girar embora não haja mais corrente. Porém, decerto este ventilador logo irá parar por completo. Se nos refugiamos aos pés de lótus de Kṛṣṇa, desligamos a corrente de nossas reações kármicas e, embora essas atividades possam ainda reaparecer, compreende-se que rapidamente elas diminuirão. É um fato que todos que adotam a consciência de Kṛṣṇa não têm de se esforçar independentemente para se tornarem bons. Todas as boas qualificações surgirão automaticamente. O *Śrīmad-Bhāgavatam* afirma que quem alcançou a consciência de Kṛṣṇa obteve simultaneamente todas as boas qualidades. Por outro lado, se alguém não tem consciência de Deus, muito embora possa ter muitas boas qualidades, elas lhe serão inúteis, pois de maneira alguma ele poderá se refrear de fazer aquilo que não é desejável. Quem está desprovido de consciência de Kṛṣṇa, com certeza comete más ações neste mundo material.

A Caminho de Kṛṣṇa

*janma karma ca me divyam / evaṁ yo vetti tattvataḥ
tyaktvā dehaṁ punar janma / naiti mām eti so 'rjuna*

“Ó Arjuna, aquele que conhece a natureza transcendental de Meu aparecimento e atividades, ao deixar este corpo não volta a nascer neste mundo material, mas alcança Minha morada eterna” (*Bhagavad-gītā* 4.9).

Aqui se explica ainda mais a missão para a qual Kṛṣṇa aparece. Quando Ele vem com alguma missão, existem algumas atividades. Decerto existem alguns filósofos que não acreditam que Deus venha como uma encarnação. Eles perguntam por que Deus viria a este mundo tão podre. Mas podemos entender outra coisa através do *Bhagavad-gītā*. Devemos sempre nos lembrar que lemos o *Bhagavad-gītā* como uma escritura, e aceitamos tudo o que está falado nele. Caso contrário, não haveria razão de o lermos. Kṛṣṇa diz no *Gītā* que Ele aparece como encarnação com uma missão, e junto com essa missão há algumas atividades. Podemos ver, por exemplo, que Kṛṣṇa age como o quadrigário para Arjuna, e Se ocupa em tantas atividades no campo de batalha de Kurukṣetra. Assim como, em épocas de guerra, tem-se que fazer alianças e mostrar parcialidade, o Senhor Kṛṣṇa mostra alguma parcialidade durante a batalha e se alia a Arjuna. Na verdade, Kṛṣṇa não é parcial com ninguém, mas externamente pode parecer que Ele seja. No entanto, não devemos aceitar esta parcialidade no sentido ordinário.

Kṛṣṇa também ressalta, neste verso, que Sua vinda a este mundo material é transcendental. A palavra *divyam* significa transcendental. Suas atividades não são de maneira nenhuma comuns. Mesmo hoje em dia, na Índia, todo final de agosto, as pessoas, independentemente de que seitas pertençam, celebram o nascimento de Kṛṣṇa, assim como no Ocidente celebra-se o nascimento de Jesus Cristo no natal. O nascimento de Kṛṣṇa chama-se *Janmāṣṭamī* e neste verso Kṛṣṇa usa a palavra *janma* referindo-Se a Seu “nascimento”. Porque há nascimento, também há atividades. O nascimento e atividades de Kṛṣṇa são transcendentais, o que significa que eles não são comuns. Pode-se perguntar por que Suas atividades são transcendentais. Ele nasce, participa de uma guerra com Arjuna, tem um pai chamado Vasudeva e uma mãe, Devakī, e uma família — o que se pode considerar transcendental nisto? Kṛṣṇa diz que *evaṁ yo vetti tattvataḥ* — temos de entender realmente Seu nascimento e atividades. Quando entendermos realmente o nascimento e atividades de Kṛṣṇa, obteremos o resultado: *tyaktvā dehaṁ punar janma naiti mām eti so 'rjuna* — ao deixarmos este corpo material, não iremos nascer de novo, mas voltaremos diretamente para Kṛṣṇa. Isto quer dizer que nos tornaremos almas liberadas, iremos ao mundo espiritual eterno e obteremos nossa posição constitucional, plena de bem-aventurança, conhecimento e eternidade. Podemos obter tudo isto só por conhecer a verdade sobre a natureza transcendental do nascimento e atividades de Kṛṣṇa.

De modo geral, quando alguém deixa este corpo tem de aceitar um outro corpo. As vidas dos seres vivos simplesmente acontecem devido à mudança de vestimentas de um corpo a outro — transmigração da alma — de acordo com as atividades de cada um. Agora podemos pensar que este corpo material é o nosso corpo verdadeiro, mas ele é como uma vestimenta. Na verdade, é um fato que possuímos um corpo verdadeiro, um corpo espiritual. Este corpo material é superficial se for comparado ao verdadeiro corpo espiritual do ser vivo. Quando este corpo material se torna velho e gasto, ou quando fica inútil devido a um acidente, nós o colocamos de lado como se fosse um terno sujo ou estragado e aceitamos um outro corpo material.

*vāsāṁsi jīrṇāni yathā vihāya / navāni gṛhṇāti naro 'parāṇi
tathā śarīrāṇi vihāya jīrṇāny / anyāni saṁyāti navāni dehi*

“Assim como uma pessoa se veste com roupas novas, dispensando as velhas, de igual modo, a alma aceita novos corpos materiais, dispensando os velhos e inúteis” (*Bhagavad-gītā* 2.22).

O corpo pode ter, no começo, o tamanho de uma ervilha. Então, ele cresce e torna-se um bebê, depois uma criança, um menino, um jovem, um adulto e um velho. Por fim, quando se torna inútil, o ser vivo muda-se para outro corpo. O corpo está sempre mudando, e a morte é nada mais do que a última mudança deste corpo atual.

*dehino 'smin yathā dehe / kaumāraṁ yauvanam jarā
tathā dehāntara-prāptir / dhīras tatra na muhyati*

“Como a alma corporificada passa continuamente, neste corpo, da infância à juventude e à velhice, da mesma forma, a alma passa a outro corpo depois da morte. A alma auto-realizada não se confunde com tal mudança” (*Bhagavad-gītā* 2.13).

Embora o corpo esteja mudando, aquele que habita o corpo permanece o mesmo. O menino pode

A Caminho de Kṛṣṇa

crescer até se tornar um adulto, mas o ser vivo dentro do corpo não muda. Não é que o ser que era um menino se foi. A ciência médica concorda que o corpo material muda a cada momento. Assim como os seres vivos não se confundem com este fato, um homem iluminado não se confunde quando o corpo se submete à sua última mudança na hora da morte. Lamenta apenas aquele que não compreende as coisas em sua realidade. Na condição material estamos mudando de corpos a cada instante. Esta é nossa doença. Não é um fato que estamos sempre nos mudando para um outro corpo humano. Podemos nos mudar para qualquer corpo de animal ou de semideus, dependendo de nossas atividades. De acordo com o *Padma Purāṇa*, existem 8.400.000 espécies de vida. Na hora da morte poderemos tomar qualquer uma delas. Porém, Kṛṣṇa promete que quem compreende Seu nascimento e atividades se livra deste ciclo de transmigração.

Como podemos compreender de fato o nascimento e as atividades de Kṛṣṇa? O Décimo Oitavo Capítulo do *Bhagavad-gītā* explica isto:

*bhaktyā mām abhijānāti / yāvān yaś cāsmi tattvataḥ
tato mām tattvato jñātvā / viśate tad-anantaram*

“Pode-se compreender a Suprema Personalidade como Ele é unicamente através do serviço devocional. E quando a pessoa tem plena consciência do Senhor Supremo através de tal devoção, ela pode entrar no reino de Deus” (*Bhagavad-gītā* 18.55).

Novamente usa-se a palavra *tattvataḥ*, “na verdade”. Pode realmente compreender a ciência de Kṛṣṇa quem se torna um devoto. Aquele que não é um devoto, que não se esforça para alcançar a consciência de Kṛṣṇa, não pode compreender. Kṛṣṇa, no começo do Quarto Capítulo (*Bhagavad-gītā* 4.3), também diz a Arjuna que Ele lhe explica essa antiga ciência da *yoga* porque Arjuna é “Meu devoto e Meu amigo”. A ciência de Kṛṣṇa permanecerá um mistério para quem fizer um mero estudo acadêmico do *Bhagavad-gītā*. O *Gītā* não é um livro que alguém pode simplesmente comprar numa livraria e compreendê-lo apenas através da erudição. Arjuna não era um grande erudito, nem vedantista, nem filósofo, nem *brāhmaṇa*, nem renunciante. Ele era militar e chefe de família. Ainda assim Kṛṣṇa o escolheu para se tornar o recipiente do *Bhagavad-gītā* e a primeira autoridade na sucessão discipular. Por quê? “Porque você é Meu devoto”. Esta é a qualificação para se compreender o *Bhagavad-gītā* como ele é e Kṛṣṇa como Ele é — faz-se necessário ser consciente de Kṛṣṇa.

E o que é esta consciência de Kṛṣṇa? É o processo de limpar a poeira do espelho da mente através do cantar de Hare Kṛṣṇa, Hare Kṛṣṇa, Kṛṣṇa Kṛṣṇa, Hare Hare / Hare Rāma, Hare Rāma, Rāma Rāma, Hare Hare. Podemos alcançar a consciência de Kṛṣṇa se cantamos este *mantra* e ouvimos o *Bhagavad-gītā*. *Īśvaraḥ sarva-bhūtānām* — Kṛṣṇa está sempre presente em nosso coração. A alma e a Superalma estão pousadas na árvore do corpo. A alma individual (*jīva*) come o fruto da árvore e a Superalma (*Paramātmā*) testemunha. À medida que a alma individual começa o processo de serviço devocional e pouco a pouco desenvolve sua consciência de Kṛṣṇa, a Superalma, que Se encontra dentro de seu coração, começa a ajudá-la a limpar todas as impurezas do espelho da mente. Kṛṣṇa é um amigo para todas as pessoas santas, e a tentativa de se tornar consciente de Kṛṣṇa é um esforço santo. *Śravaṇam kīrtanam* — através do cantar e ouvir pode-se compreender a ciência de Kṛṣṇa e chegar a compreender Kṛṣṇa. Na hora da morte, aquele que compreende Kṛṣṇa, pode ir imediatamente à morada de Kṛṣṇa no mundo espiritual. O *Bhagavad-gītā* descreve esse mundo espiritual da seguinte maneira:

*na tad bhāsayate sūryo / na śāsāṅko na pāvakaḥ
yad gatvā na nivartante / tad dhāma paramam mama*

“Essa Minha morada não é iluminada pelo Sol nem pela Lua, nem pela eletricidade. A pessoa que a alcança jamais retorna a este mundo material” (*Bhagavad-gītā* 15.6).

Precisamos sempre do Sol, da Lua ou da eletricidade neste mundo material, pois ele é sempre escuro. Os *Vedas* aconselham que não permaneçamos nesta escuridão, senão que nos transfiramos para o mundo iluminado, o mundo espiritual. A palavra escuridão tem dois significados: não só quer dizer sem luz, mas também ignorância.

O Senhor Supremo tem inúmeras energias. Não é verdade que Ele vem a este mundo material para executar atividades. Os *Vedas* declaram que o Senhor Supremo não tem nada a fazer. Śrī Kṛṣṇa também diz no *Bhagavad-gītā*:

*na me pārthāsti kartavyam / triṣu lokeṣu kiñcana
nānavāptam avāptavyam / varta eva ca karmaṇi*

A Caminho de Kṛṣṇa

“Ó filho de Pṛthā, não há trabalho prescrito para Mim em nenhum dos três sistemas planetários. Nem necessito nada, nem tenho necessidade de obter nada, ainda assim, ocupo-Me em trabalho” (*Bhagavad-gītā* 3.22).

Portanto, não devemos pensar que Kṛṣṇa é obrigado a vir a este mundo material e ocupar-Se em tantas atividades. Ninguém é igual ou superior a Kṛṣṇa; logo, Ele tem todo o conhecimento. Ele não tem de submeter-se a penitências para obter conhecimento, nem precisa, em tempo algum, receber ou obter conhecimento. Ele é pleno de conhecimento, sempre e sob todas as circunstâncias. Ele pode ter falado o *Bhagavad-gītā* a Arjuna, mas o *Gītā* nunca Lhe foi ensinado. Quem pode compreender que esta é a posição de Kṛṣṇa, não tem de voltar ao ciclo de nascimentos e mortes deste mundo material. Por estarmos sob a influência da ilusão, passamos nossas vidas tentando nos acomodar a esta atmosfera material. Porém, este não é o propósito da vida humana. A vida humana destina-se a compreender a ciência de Kṛṣṇa.

Nossas necessidades materiais são: comer, acasalar-se, dormir, defender-se e obter gozo dos sentidos. Isto serve tanto para os seres humanos quanto para os animais. Os animais estão tão atarefados tentando resolver esses problemas, e se estivermos ocupados da mesma maneira, como poderemos dizer que somos diferentes dos animais? No entanto, o ser humano tem uma qualificação especial mediante a qual ele pode desenvolver transcendental consciência de Kṛṣṇa. Porém, se não souber tirar proveito disso, ele estará na categoria de um animal. O defeito da civilização moderna é que ela coloca ênfase demais em resolver esses problemas de sobrevivência. É nosso dever, como seres vivos espirituais, livrarmo-nos deste cativeiro de nascimentos e mortes. Portanto, devemos ser cuidadosos de não perder a oportunidade especial da vida humana. O próprio Senhor Kṛṣṇa vem para dar o *Bhagavad-gītā* e ajudar-nos a sermos conscientes de Deus. De fato, a própria criação material nos é dada para que a utilizemos para este propósito. Porém, se após recebermos esta dádiva da vida humana, não a utilizarmos para desenvolver a consciência de Kṛṣṇa, estaremos desperdiçando esta rara oportunidade. O processo é muito simples: *śravaṇam kīrtanam* — ouvir e cantar. Não temos nada mais a fazer além de ouvir, e se o fizermos com atenção, decerto lograremos a iluminação. É seguro que Kṛṣṇa nos ajudará, pois Ele está dentro de nós. Temos apenas de fazer um esforço e empreender um pouco de nosso tempo. Não precisamos perguntar a ninguém se estamos progredindo. Saberemos isso automaticamente, assim como um homem que estava faminto sabe que ficou satisfeito depois de ter comido uma boa refeição.

Na verdade, este processo de consciência de Kṛṣṇa ou auto-realização não é muito difícil. Kṛṣṇa ensinou-o para Arjuna no *Bhagavad-gītā*, e se pudermos compreender o *Bhagavad-gītā* assim como Arjuna o compreendeu, não teremos problema em alcançar o nível perfectivo. Mas arruinaremos tudo se tentarmos interpretar o *Bhagavad-gītā* de acordo com nossa própria mentalidade acadêmica e mundana.

Como já dissemos, este cantar de Hare Kṛṣṇa é o processo através do qual podemos remover do espelho da mente todas as contaminações resultantes da convivência material. Não há necessidade de obtermos ajuda externa para revivermos nossa consciência de Kṛṣṇa, pois ela está latente dentro do eu. De fato, ela é a própria qualidade do eu. Temos apenas que evocá-la através deste processo. A consciência de Kṛṣṇa é um fato eterno. Não é uma doutrina ou conjunto de crenças impostas por alguma organização. Está dentro de todos os seres vivos, sejam eles seres humanos ou animais. Quando o Senhor Caitanya Mahāprabhu passou pelas florestas do Sul da Índia há cerca de quinhentos anos, Ele cantou Hare Kṛṣṇa e todos os animais — os tigres, elefantes e veados — juntaram-se a Ele e dançaram ao cantar os santos nomes. É óbvio que isto depende da pureza do cantar. À medida que progredirmos no cantar, decerto lograremos a purificação.

3. Vendo sempre Kṛṣṇa

Kṛṣṇa nos instrui como suscitar a consciência de Kṛṣṇa em nossa vida cotidiana. Não é verdade que devemos parar de cumprir nossos deveres ou de agir. Ao contrário, devemos conduzir nossas atividades em consciência de Kṛṣṇa. Todos temos uma vocação na vida, mas com que consciência a seguimos? Todos pensam que: “Oh! Preciso ter alguma profissão para manter minha família”. Temos de satisfazer as exigências da sociedade, do governo ou da família, e ninguém está livre de tal pensamento. Devemos ter uma consciência correta para podermos executar bem qualquer atividade. Um louco, que tem sua consciência agitada, não pode cumprir nenhum dever. Devemos executar nosso dever de maneira adequada, mas devemos fazê-lo pensando em como satisfazer Kṛṣṇa. Não é necessário mudarmos nosso processo de trabalho, mas temos de compreender para quem estamos trabalhando. Devemos cumprir qualquer atividade que seja necessária, mas não devemos ser levados por *kāma*, ou desejo. A palavra sânscrita *kāma* é usada para indicar luxúria, desejo ou gozo dos sentidos. Śrī Kṛṣṇa nos instrui que não devemos trabalhar para a satisfação de *kāma*, ou nossa própria luxúria. Todo o ensinamento do *Bhagavad-gītā* baseia-se neste princípio.

Arjuna queria satisfazer seus sentidos abstendo-se de lutar contra seus parentes, mas Kṛṣṇa o convenceu a cumprir seu dever para a satisfação do Supremo. Talvez pareça muito piedoso, do ponto de vista material, que Arjuna esteja abandonando seu direito do reino e recusando-se a matar seus parentes, porém, Kṛṣṇa não concorda com isto, pois a causa dessa decisão de Arjuna é satisfazer seus próprios sentidos. Você não precisa mudar seu dever ou ocupação, assim como Arjuna não o mudou, mas é necessário mudar sua consciência. No entanto, para haver tal mudança, é necessário conhecimento. Este conhecimento é saber que “eu sou parte integrante de Kṛṣṇa, a energia superior de Kṛṣṇa”. Este é o verdadeiro conhecimento. O conhecimento relativo pode nos ensinar a como consertar uma máquina, mas o verdadeiro conhecimento é conhecer nossa posição como entidade integrante de Kṛṣṇa. Por sermos parte de Ele, nosso prazer, que é parcial, depende do todo. Por exemplo, minha mão pode obter prazer enquanto está ligada ao corpo e enquanto o serve. Ela não conseguirá prazer por servir o corpo de outrem. Porque somos parte de Kṛṣṇa, nosso prazer consiste em servi-IO. “Não posso ser feliz servindo-o”, pensam todos. “Só poderei ser feliz se servir a mim mesmo.” Mas ninguém sabe quem é este “eu mesmo”. Este eu é Kṛṣṇa.

*mamaivāṁśo jīva-loke / jīva-bhūtaḥ sanātanaḥ
manaḥ śaṣṭhānīndriyāṇi / prakṛti-sthāni karṣati*

“As entidades vivas neste mundo condicionado são Minhas eternas partes fragmentárias. Devido à vida condicionada, elas estão lutando duramente com os seis sentidos, que incluem a mente” (*Bhagavad-gītā* 15.7).

As *jīvas*, ou entidades vivas, estão agora separadas do todo, devido ao contato material. Devemos, portanto, voltar a nos unir através da consciência de Kṛṣṇa latente que está dentro de nós. Estamos tentando, de maneira artificial, esquecer Kṛṣṇa e levar uma vida independente, porém, isto não é possível. Ao esforçarmo-nos para viver independentes de Kṛṣṇa, caímos sob a influência das leis da natureza material. Se alguém pensa que é independente de Kṛṣṇa, torna-se dependente da energia ilusória de Kṛṣṇa, assim como se alguém pensa que é independente do governo e de suas leis, acaba tornando-se dependente da força policial. Todos tentam tornar-se independentes, e isto chama-se *māyā*, ilusão. Não é possível tornar-se independente, seja individual, comunal, social, nacional ou universalmente. Quando chegarmos a entender que somos dependentes, alcançaremos o conhecimento. Tantas pessoas hoje em dia lutam pela paz no mundo, porém, elas não sabem como implantar esta fórmula da paz. As Nações Unidas podem estar lutando pela paz há muitos anos, mas ainda existe a guerra.

*yac cāpi sarva-bhūtānām / bījam tad aham arjuna
na tad asti vinā yat syān / mayā bhūtaṁ carācaram*

“Além disso, ó Arjuna, Eu sou a semente geradora de toda a existência. Não há ser — móvel ou inerte — que possa existir sem Mim” (*Bhagavad-gītā* 10.39).

Kṛṣṇa é assim o proprietário de tudo, o beneficiário último e o recebedor de todos os resultados. Talvez nos consideremos os proprietários dos frutos do nosso trabalho, porém, isso é um equívoco. Devemos chegar à compreensão de que Kṛṣṇa é o proprietário último dos frutos de todos os nossos trabalhos. Centenas de pessoas podem estar trabalhando num escritório, mas eles entendem que todo o lucro do negócio pertence ao proprietário. Tão logo o caixa do banco pensa: “Oh, tenho tanto dinheiro. Sou o proprietário. Deixe-me levá-lo para casa comigo”, ele está em apuros. Caso pensemos que podemos usufruir toda riqueza que acumulamos para nosso próprio gozo dos sentidos, estamos agindo motivados por *kāma*, luxúria. Porém, ao

A Caminho de Kṛṣṇa

compreendermos que tudo o que possuímos pertence a Deus, estamos liberados. Podemos ter o mesmo dinheiro em nossas mãos, porém, assim que nos consideramos o proprietário, estamos sob a influência de *māyā*. Quem atingiu a consciência de que tudo pertence a Kṛṣṇa é um verdadeiro sábio.

*īśāvāsyam idaṁ sarvaṁ / yat kiñca jagatyāṁ jagat
tena tyaktena bhuiñjīthā / mā ḡṛdhaḥ kasya svid dhanam*

“O Senhor Supremo possui e controla tudo o que é animado e inanimado dentro do Universo. Portanto, a pessoa deve aceitar apenas o necessário, que lhe foi reservado como sua cota, e não deve aceitar outras coisas, sabendo bem a quem pertence” (*Śrī īśopaniṣad, Mantra 1*).

Devemos reviver, não só individual mas nacional e universalmente, esta consciência de *īśāvāsyā*, de que tudo pertence a Kṛṣṇa. Então haverá paz. Temos sempre a tendência de buscar a filantropia e o altruísmo, e tentamos ser amigos de nossos compatriotas, parentes ou todas as pessoas do mundo. Porém, tudo isto baseia-se em um conceito errôneo. Kṛṣṇa é o verdadeiro amigo, e teremos de trabalhar para Ele, se quisermos beneficiar nossa família, nação ou planeta. Se estivermos interessados no bem-estar de nossas famílias, tentaremos torná-los membros conscientes de Kṛṣṇa. Existem tantas pessoas tentando beneficiar suas famílias mas, infelizmente, não logram sucesso. Isto porque não sabem qual é o verdadeiro problema. O próprio *Bhāgavatam* diz que ninguém deve tentar ser pai, mãe, ou mestre, a não ser que possa salvar seus filhos da morte, das garras da natureza material. O pai deve ter conhecimento sobre Kṛṣṇa e deve estar determinado a que seu filho inocente, que foi entregue a seus cuidados, não tenha de se submeter de novo ao ciclo de nascimentos e mortes. Ele deve estar resoluto em treinar seus filhos de tal modo que eles não tenham de se sujeitar ao doloroso ciclo de nascimentos e mortes. Porém, antes que possa fazer isto, ele próprio deve ter-se aperfeiçoado. Se ele se tornar perfeito em consciência de Kṛṣṇa, poderá não só ajudar seus filhos, mas também sua sociedade e nação. Porém, se ele mesmo estiver atado pela ignorância, como poderá desatar outros que também estão presos? Antes que possa liberá-los, ele deve liberar-se. É um fato que ninguém é livre, pois todos estão sob o encanto da natureza material. Porém, *māyā* não pode tocar em quem se rendeu a Kṛṣṇa. Dentre todos os homens, só ele está livre. Não pode ficar nas trevas aquele que se coloca sob a luz do sol. Porém, se ele estiver sob uma luz artificial, esta poderá oscilar e apagar. Kṛṣṇa é como o brilho do sol. Quando Ele está presente, está fora de cogitação haver trevas ou ignorância. Os sábios, os *mahātmās*, compreendem isto.

*ahaṁ sarvasya prabhavo / mattaḥ sarvaṁ pravartate
iti matvā bhajante mām / budhā bhāva-samanvitāḥ*

“Eu sou a fonte de todos os mundos espirituais e materiais. Tudo emana de Mim. Os sábios que sabem disto perfeitamente ocupam-se em Meu serviço devocional e adoram-Me com todo seu coração” (*Bhagavad-gītā* 10.8).

Usa-se neste verso a palavra *budha*, que indica um sábio, ou erudito. Qual é o sintoma deste sábio? Ele sabe que Kṛṣṇa é a fonte de tudo, de todas as emanações. Ele sabe que tudo que vê é apenas uma emanação de Kṛṣṇa. O sexo é o fator mais preeminente neste mundo material. Encontramos a atração sexual em todas as espécies de vida, e podemos questionar de onde ela surge. O sábio compreende que essa tendência está em Kṛṣṇa e que se revela em Suas relações com as donzelas de Vraja. Tudo o que encontramos neste mundo material, existe em sua forma perfeita em Kṛṣṇa. A diferença é que no mundo material tudo se manifesta de maneira perversa. Todas essas tendências e manifestações existem em Kṛṣṇa no estado puro e espiritual. Torna-se devoto puro de Kṛṣṇa aquele que tiver conhecimento pleno disto.

“Ó filho de Pṛthā, aqueles que não estão iludidos, as grandes almas, estão sob a proteção da natureza divina. Eles se ocupam por completo em serviço devocional porque Me conhecem como a Suprema Personalidade de Deus, original e inesgotável. Sempre cantando Minhas glórias, esforçando-se com grande determinação, prostrando-se diante de Mim, essas grandes almas Me adoram perpetuamente com devoção” (*Bhagavad-gītā* 9.13-14).

Quem é essa grande alma, o *mahātmā*? É quem vive sob a influência da energia superior. No presente momento estamos sob a influência da energia inferior de Kṛṣṇa. Como entidades vivas, nossa posição é marginal, isto é, podemos nos transferir para qualquer uma das duas energias. Kṛṣṇa possui completa independência e, porque somos Suas partes integrantes, também temos esta qualidade de independência. Portanto, podemos escolher sob qual energia queremos agir. Porém, porque ignoramos a natureza superior, não temos outra saída senão permanecer nesta natureza inferior.

Algumas filosofias propõem que não há outra natureza além da que experimentamos agora e que a única

solução é podermos anulá-la e tornarmo-nos um vazio. Mas não podemos nos tornar um vazio porque somos entidades vivas. Só pelo fato de mudarmos o corpo não significa que tenhamos chegado ao fim. Devemos compreender qual é nosso verdadeiro lugar, para onde teremos que ir, antes que possamos sair da influência da natureza material. Se não soubermos para onde ir, diremos então: “Oh! Não sabemos o que é superior ou inferior. Tudo o que conhecemos é isto. Portanto, vamos ficar aqui e apodrecer”. No entanto, o *Bhagavad-gītā* nos dá informação sobre a energia superior, a natureza superior.

O que Kṛṣṇa fala é para a eternidade, não muda. Não importa qual seja nossa ocupação no momento ou qual era a de Arjuna — só temos de mudar nossa consciência. Por enquanto somos guiados pela consciência do interesse próprio, mas não sabemos qual é esse verdadeiro interesse. Na verdade, não temos interesse pelo eu verdadeiro, mas sim pelo interesse dos sentidos. Tudo que fazemos é para satisfazer os sentidos. É este tipo de consciência que devemos mudar. Em seu lugar temos de implantar nosso verdadeiro interesse próprio — a consciência de Kṛṣṇa.

Como se dá tal mudança? Como é possível tornar-se consciente de Kṛṣṇa a cada passo de nossas vidas? Na verdade, Kṛṣṇa nos facilita muito: “Ó filho de Kuntī (Arjuna), sou o sabor da água, a luz do Sol e da Lua, a sílaba *om* nos mantras védicos; sou o som no éter e a habilidade no homem” (*Bhagavad-gītā* 7.8).

Neste verso Śrī Kṛṣṇa descreve como podemos lograr plena consciência de Kṛṣṇa, em todas as etapas da vida. Todo ser vivo precisa beber água. Seu gosto é tão bom que quando estamos sedentos nada melhor do que ela. Nenhum fabricante pode criar o gosto puro da água. Assim, podemos nos lembrar de Kṛṣṇa ou Deus quando bebemos água. Ninguém pode deixar de beber água todos os dias de sua vida, e aí está a consciência de Deus — como podemos nos esquecer?

De maneira semelhante, Kṛṣṇa também é toda a iluminação. A refulgência original no céu espiritual, o *brahmajyoti*, emana do corpo de Kṛṣṇa. Este céu material é coberto. A natureza intrínseca do universo material é a escuridão, que experimentamos à noite. O céu recebe iluminação artificial do Sol, da luz refletida da Lua e da eletricidade. De onde vem esta iluminação? O Sol é iluminado pelo *brahmajyoti*, ou a brilhante refulgência do mundo espiritual. No mundo espiritual não há necessidade de Sol, Lua ou eletricidade, porque lá tudo é iluminado pelo *brahmajyoti*. Nesta Terra, no entanto, podemos nos lembrar de Kṛṣṇa sempre que vemos a luz do Sol.

Podemos nos lembrar de Kṛṣṇa, também, quando cantamos os *mantras* védicos que começam com o *om*. O *om*, assim como Hare Kṛṣṇa, é também uma maneira de nos dirigirmos a Deus, e o *om* também é Kṛṣṇa. *Śabdah* quer dizer som, e sempre que ouvimos algum som devemos saber que ele é uma vibração do som original, o som espiritual puro *om* ou Hare Kṛṣṇa. Todo som que ouvimos neste mundo material é apenas um reflexo do espiritual som original *om*. Desse modo, podemos nos lembrar de Deus, ao ouvir um som, beber água ou ver uma luminosidade. Se assim o fizermos, quando então não nos lembraremos de Deus? Este é o processo da consciência de Kṛṣṇa. Deste modo, podemos nos lembrar de Kṛṣṇa vinte e quatro horas por dia, e Kṛṣṇa estará sempre conosco. É claro que Kṛṣṇa está sempre conosco, mas assim que nos lembramos disso, Sua presença é concreta e podemos senti-la.

Existem nove diferentes processos de se associar com Deus, e o primeiro deles é *śravaṇam* — ouvir. Ao lermos o *Bhagavad-gītā*, ouvimos as palavras de Śrī Kṛṣṇa, o que significa que estamos de fato nos associando com Kṛṣṇa ou Deus. (Devemos sempre nos lembrar que ao falarmos de Kṛṣṇa, referimo-nos a Deus). A contaminação da natureza material diminui à medida que nos associamos com Deus e ouvimos Suas palavras e Seus nomes. Torna-se impossível se esquivar de Kṛṣṇa, quando entendemos que Ele é o som, a luz, a água e tantas outras coisas. Se pudermos nos lembrar de Kṛṣṇa deste modo, nossa associação com Ele será permanente.

Associação com Kṛṣṇa é como associação com o brilho do sol. Onde há brilho do sol, não há contaminação. Enquanto estivermos fora de casa, recebendo os raios ultravioleta do sol, não ficaremos doentes. Na medicina ocidental, recomenda-se o banho de sol para todos os tipos de doenças, e também, de acordo com os *Vedas*, o doente deve adorar o Sol para se curar. Da mesma maneira, podemos curar todas as nossas enfermidades se nos associamos com Kṛṣṇa em consciência de Kṛṣṇa. Podemos nos associar com Kṛṣṇa, cantando Hare Kṛṣṇa; podemos ver a água como Kṛṣṇa, o Sol e a Lua como Kṛṣṇa; podemos ouvir Kṛṣṇa no som; e experimentá-lo no sabor da água. Infelizmente nos esquecemos de Kṛṣṇa em nossa condição atual. Porém, devemos agora reviver nossa vida espiritual, lembrando-nos dEle.

O Senhor Caitanya Mahāprabhu aprovou este processo de ouvir e cantar — *śravaṇam kīrtanam*. Quando falava com Rāmānanda Rāya, Seu amigo e grande devoto, o Senhor Caitanya lhe perguntou sobre os métodos de realização espiritual. Rāmānanda recomendou muitos métodos, tais como *varṇāśrama-dharma*, *sannyāsa* e a renúncia do trabalho, mas o Senhor rechaçou-os, alegando que todos eles não eram bons. Toda vez que Rāmānanda Rāya sugeria um método novo, o Senhor Caitanya o rejeitava, pedindo-lhe algo melhor para o desenvolvimento espiritual. Por fim, Rāmānanda Rāya citou um aforismo védico que

recomendava que se renuncie todo o desnecessário esforço da especulação mental para se compreender Deus, pois não é possível chegar à verdade última através da especulação. Os cientistas, por exemplo, podem especular sobre os planetas e estrelas longínquos, mas, sem experiências, não conseguem chegar a conclusão alguma. Pode-se passar a vida toda especulando e jamais chegar a conclusão alguma.

É ainda mais inútil especular sobre Deus. Portanto, o *Śrīmad-Bhāgavatam* recomenda que abandonemos toda classe de especulação. Por outro lado, ele nos recomenda que nos tornemos submissos, compreendendo que não só somos criaturas insignificantes, como também que esta Terra é apenas um pequeno ponto no imenso Universo. A cidade de Nova Iorque pode parecer muito grande, mas quando compreendemos que a Terra é um ponto tão pequeno, e que na Terra os Estados Unidos são um outro pequeno ponto, e que nos Estados Unidos a cidade de Nova Iorque é um mero ponto, e que em Nova Iorque o indivíduo é apenas um dentre milhões, então entendemos que não somos tão importantes assim. Não podemos ser artificialmente orgulhosos, mas sim submissos, se quisermos entender nossa insignificância em face ao Universo e a Deus. Devemos ser muito cuidadosos de não cair vítimas da filosofia da rã. Certa vez, havia uma rã em um poço, e quando um amigo lhe informou sobre a existência do Oceano Atlântico, ela perguntou:

— Oh! Como é este Oceano Atlântico?

— É um enorme corpo d'água — respondeu o amigo.

— Quanto grande? É o dobro do tamanho deste poço?

— Oh, não! Muito, muito maior — respondeu o amigo.

— Quantas vezes maior? Dez vezes maior? — Foi assim que a rã começou a calcular. Mas qual seria sua possibilidade de compreender a verdadeira vastidão e profundidade deste grande oceano? Nossas faculdades, experiência e poderes de especulação são sempre limitados. Só poderemos criar esta mesma filosofia da rã. Portanto, o *Śrīmad-Bhāgavatam* aconselha que, ao tentarmos compreender o Supremo, abandonemos o método da especulação, que não passa de um desperdício de tempo.

Que devemos fazer após deixarmos a especulação? O *Bhāgavatam* recomenda que sejamos submissos e ouçamos a mensagem de Deus. Podemos encontrar esta mesma mensagem no *Bhagavad-gītā* e em outros textos védicos, na Bíblia, no Alcorão, ou em qualquer outra escritura genuína — ou podemos ouvi-la de uma alma realizada. O importante é que não podemos especular, senão que devemos apenas ouvir sobre Deus. Qual será o resultado de ouvir assim? Independentemente de quem seja — rico ou pobre, americano, europeu ou indiano, *brāhmaṇa* ou *sūdra* —, caso ouça a palavra transcendental de Deus, conquistará o Senhor através do amor, embora Ele nunca possa ser conquistado por força ou poder algum. Arjuna era um amigo de Kṛṣṇa, mas Kṛṣṇa, embora fosse o Senhor Supremo, tornou-se o quadrigário de Arjuna, ou seja, seu servo subalterno. Arjuna amava Kṛṣṇa e Kṛṣṇa correspondeu ao seu amor dessa maneira. De igual modo, quando Kṛṣṇa era uma criança, Ele pegou, de brincadeira, os sapatos de Seu pai, Nanda Mahārāja, e colocou-os em Sua cabeça. Muitos podem tentar duramente tornarem-se unos com Deus, mas na verdade podemos superar isto — podemos nos tornar o pai de Deus. Decerto Deus é o pai de todas as criaturas e Ele Próprio não tem pai, mas Ele aceita Seu devoto, Seu amante, como pai. É por amor que Kṛṣṇa concorda em ser conquistado por Seu devoto. Tudo o que temos de fazer é ouvir a mensagem do Senhor com muito cuidado.

No Sétimo Capítulo do *Bhagavad-gītā*, Śrī Kṛṣṇa nos mostra métodos suplementares mediante os quais podemos percebê-lo a cada passo de nossa vida: “Eu sou a fragrância original da terra e o calor do fogo. Sou a vida de tudo o que vive, e sou as penitências de todos os ascetas” (*Bhagavad-gītā* 7.9).

As palavras *punyo gandhaḥ* referem-se às fragrâncias. Só Kṛṣṇa pode criar sabores e fragrâncias. Podemos criar alguma essência ou fragrância sintética, mas elas não serão tão boas quanto às originais que ocorrem na natureza. Ao cheirmos uma boa fragrância natural, podemos pensar que ali está Deus, ou Kṛṣṇa. Ou ao vermos alguma beleza natural, podemos pensar que ali está Kṛṣṇa. Ou ao vermos algo incomum, poderoso ou maravilhoso, podemos pensar que ali está Kṛṣṇa. Ou ao vermos qualquer forma de vida, seja ela uma árvore, uma planta, um animal ou um ser humano, devemos entender que esta vida é parte integrante de Kṛṣṇa. Isto porque, tão logo esta centelha espiritual, que é a parte integrante de Kṛṣṇa, for tirada do corpo, este corpo se desintegra.

*bījaṁ mām sarva-bhūtānām / viddhi pārtha sanātānam
buddhir buddhimatām asmi / tejas tejasvinām aham*

“Ó filho de Pṛthā, saibas que Eu sou a semente original de todas as existências, a inteligência dos inteligentes, e o poder de todos os homens poderosos” (*Bhagavad-gītā* 7.10).

Aqui novamente se declara de maneira explícita que Kṛṣṇa é a vida de tudo que vive. Assim, podemos ver

A Caminho de Kṛṣṇa

Deus a cada passo. Alguém pode nos perguntar se podemos mostrar Deus. Sim, decerto. Deus pode ser visto de tantas maneiras. Mas como podemos mostrar-lhe se ele fecha os olhos e diz que não vai ver Deus?

A palavra *bījam* do verso supracitado quer dizer semente, e diz-se que esta semente é eterna (*sanātanam*). Podemos ver uma árvore enorme, mas qual a origem desta árvore? É a semente, e esta semente é eterna. A semente da existência está dentro de cada ser vivo. O próprio corpo pode se submeter a tantas mudanças — pode desenvolver-se dentro do ventre da mãe, nascer como um pequeno bebê e crescer através da infância e vida adulta — mas a semente desta existência, que está dentro, é permanente. Portanto, é *sanātanam*.

Sem percebermos, estamos mudando nossos corpos a cada momento, a cada segundo. Mas a *bījam*, a semente, a centelha espiritual, não muda. Kṛṣṇa proclama que Ele é esta semente eterna dentro de todas as existências. Ele também é a inteligência dos inteligentes. Ninguém pode se tornar extraordinariamente inteligente, sem ser favorecido por Kṛṣṇa. Cada pessoa está tentando tornar-se mais inteligente que as demais; porém, isto não é possível sem o favor de Kṛṣṇa. Portanto, sempre que encontramos alguém com inteligência extraordinária, devemos pensar que tal inteligência é Kṛṣṇa. Da mesma forma, a influência de quem é muito influente também é Kṛṣṇa.

balam balavatām cāham / kāma-rāga-vivarjitam
dharmāvīruddho bhūtesu / kāmō 'smi bharatarsabha

“Eu sou a força dos fortes, desprovida de paixão e desejo. Sou a vida sexual que não é contrária aos princípios religiosos, ó senhor dos Bhāratas (Arjuna)” (*Bhagavad-gītā* 7.11).

O elefante e o gorila são animais muito fortes e devemos entender que eles obtêm suas forças de Kṛṣṇa. Por seu próprio esforço, o ser humano não pode ter tanta força, mas se Kṛṣṇa o favorece, ele pode ter mil vezes mais força que um elefante. Diz-se que o grande guerreiro Bhīma, que lutou na Batalha de Kurukṣetra, tinha dez mil vezes mais força do que um elefante. Da mesma forma, também devemos ver que o desejo ou luxúria (*kāma*), que não é contra os princípios religiosos, representa Kṛṣṇa. Que é essa luxúria? Em geral, luxúria quer dizer sexo, mas aqui *kāma* refere-se ao sexo que não vai de encontro aos princípios religiosos, isto é, o sexo para gerar bons filhos. Se alguém pode gerar bons filhos conscientes de Kṛṣṇa, ele pode fazer sexo milhares de vezes. Porém, sua vida sexual será irreligiosa, se ele apenas puder gerar filhos que serão educados com consciência de gatos e cachorros. Em sociedades religiosas e civilizadas, o casamento é uma indicação que o casal deve se ocupar em sexo para gerar bons filhos. Portanto, considera-se religioso o sexo na vida de casado e irreligioso o sexo quando não se está casado. É um fato que não há diferença entre um *sannyāsī* e um chefe de família, contanto que as atividades sexuais do casado se baseiem em princípios religiosos.

ye caiva sāttvikā bhāvā / rājasās tāmasās ca ye
matta eveti tām viddhi / na tv aham teṣu te mayi

“Todos os estados de existência — sejam eles de bondade, paixão ou ignorância — manifestam-se através de Minha energia. Em um sentido, sou tudo; mas sou independente. Não estou sob os modos desta natureza material” (*Bhagavad-gītā* 7.12).

Alguém poderá questionar Kṛṣṇa da seguinte maneira: “Você diz que é o som, a água, a iluminação, a fragrância, a semente de tudo, a força e *kāma*, o desejo —, isto quer dizer que você existe apenas no modo da bondade?” Existem, no mundo material, os modos da bondade, paixão e ignorância. Até agora Kṛṣṇa identificou-Se apenas com aquilo que é bom (por exemplo, o sexo no casamento, de acordo com os princípios religiosos). E os outros modos? Será que Kṛṣṇa não existe neles? Kṛṣṇa responde que tudo que possamos ver no mundo material deve-se a uma interação dos três modos da natureza material. Tudo o que possamos observar é uma combinação da bondade, paixão e ignorância, e estes três estados são “produzidos por Mim”. Porque eles são produzidos por Kṛṣṇa, eles estão em Kṛṣṇa, mas Kṛṣṇa não está neles, pois Ele Mesmo é transcendental aos três modos. Logo, em outro sentido, as coisas más, que são produzidas da ignorância, também são Kṛṣṇa, quando empregadas por Kṛṣṇa. Como é isto? Por exemplo, um engenheiro elétrico produz energia elétrica. Podemos experimentar, em nossas casas, esta mesma energia elétrica como frio no refrigerador ou calor no fogão elétrico. Porém, na usina elétrica, a energia não é nem quente nem fria. Para as entidades vivas talvez pareça que estas manifestações de energia são diferentes, mas não para Kṛṣṇa. Por isso, às vezes Kṛṣṇa age no que pode parecer como o modo da paixão ou da ignorância. Mas para Kṛṣṇa não há nada além dEle Mesmo, assim como para o engenheiro elétrico a energia elétrica é apenas eletricidade e nada mais. Ele não discrimina entre a “energia fria” e a “energia quente”.

A Caminho de Kṛṣṇa

Tudo está sendo gerado por Kṛṣṇa. De fato, o *Vedānta-sūtra* confirma que *athāto brahma-jijñāsā janmādy asya yataḥ*: tudo está fluindo da Suprema Verdade Absoluta. O que o ser vivo considera ser ruim ou bom refere-se apenas a ele mesmo, pois ele é condicionado. Mas para Kṛṣṇa não há bom ou mau, pois Ele não é condicionado. Sofremos estas dualidades porque somos condicionados, mas para Kṛṣṇa tudo é perfeito.

4. Os caminhos do tolo e do sábio

O próprio Kṛṣṇa explica como Ele é. Ainda assim não sentimos atração por Ele. Por que isto? Ele explica a razão: “Esta Minha energia divina, que consiste nos três modos da natureza material, é difícil de ser suplantada. Mas aqueles que se renderam a Mim podem facilmente transpô-la” (*Bhagavad-gītā* 7.14).

As três qualidades da natureza material penetram todo o mundo material. Essas qualidades influenciam todos os seres vivos. Se o modo da bondade tiver maior influência, a pessoa será um *brāhmaṇa*, e se o modo da paixão tiver maior influência, ela será um *kṣatriya*. Se os modos da paixão e ignorância imperarem, a pessoa será um *vaiṣya*, e se imperar apenas o modo da ignorância, ela será um *śūdra*. Isto não é nenhuma imposição artificial decorrente de nascimento ou posição social, mas se deve ao *guṇa*, ou o modo da natureza sob o qual se está condicionado.

*cātur-varṇyam mayā sṛṣṭam / guṇa-karma-vibhāgaśah
tasya kartāram apī mām / viddhy akartāram avyayam*

“As quatro divisões da sociedade humana foram criadas por Mim, de acordo com os três modos da natureza material e o trabalho atribuído a eles. E, embora Eu seja o criador deste sistema de trabalho, deves saber que Eu, sendo imutável, não trabalho” (*Bhagavad-gītā* 4.13).

Não é um fato que este sistema refere-se ao pervertido sistema de castas da Índia. Śrī Kṛṣṇa especificamente afirma: *guṇa-karma-vibhāgaśah*: os homens são classificados segundo o *guṇa* ou o modo sob o qual agem. E esta regra aplica-se a todas as pessoas por todo o Universo. Devemos entender que tudo o que Kṛṣṇa fala é universalmente verdade e não tem barreiras. Ele diz ser o pai de todos os seres vivos. Diz-se que até mesmo os animais, os seres aquáticos, as árvores, as plantas, os vermes, os pássaros e as abelhas são Seus filhos. Śrī Kṛṣṇa declara que todo o Universo está iludido devido às interações das três qualidades da natureza material, e que estamos sob o encanto dessa ilusão. Por conseguinte, não podemos compreender quem é Deus.

Qual é a natureza desta ilusão e como poderemos superá-la? O *Bhagavad-gītā* também explica isto:

*daiivī hy eṣā guṇamayī / mama māyā duratyayā
mām eva ye prapadyante / māyām etām taranti te*

“Esta Minha energia divina, que consiste nos três modos da natureza material, é difícil de ser suplantada. Mas aqueles que se renderam a Mim podem facilmente transpô-la” (*Bhagavad-gītā* 7.14).

Ninguém pode, através da especulação mental, livrar-se do enredamento das três qualidades da natureza material. As três *guṇas* são muito fortes e difíceis de serem superadas. Será que não podemos sentir como estamos presos na armadilha da natureza material? A palavra *guṇa* (modo) também quer dizer corda. Por certo que alguém estará fortemente amarrado se estiver preso por estas três fortes cordas. As fortes cordas da bondade, paixão e ignorância prendem por completo nossas mãos e pernas. Mas será que devemos abandonar a esperança? Não, pois aqui Śrī Kṛṣṇa promete que todos que se renderem a Ele serão imediatamente liberados. Quando alguém se torna consciente de Kṛṣṇa — seja desta ou daquela maneira — se libera.

Todos temos uma relação com Kṛṣṇa, pois somos todos Seus filhos. Um filho pode ter um desacordo com seu pai, mas não lhe é possível quebrar o relacionamento. Em algum momento de sua vida irão lhe perguntar quem ele é, e ele terá de responder que é filho de tal pessoa. Esta relação não pode ser rompida. Somos todos filhos de Deus, e esta relação com Ele é eterna, porém, nos esquecemos disto.

Kṛṣṇa é o mais poderoso, o mais famoso, o mais rico, o mais belo, o mais inteligente e o mais renunciado. Embora sejamos amigos desta eminente pessoa, nos esquecemos disto. Se o filho de um homem rico se esquece de seu pai, deixa sua casa e torna-se um louco, ele pode passar a dormir nas ruas ou mendigar algum alimento, mas tudo se deve a seu esquecimento. No entanto, será um verdadeiro benfeitor aquele que lhe informar que a causa de seu sofrimento é ele ter deixado a casa de seu pai e que seu pai, que tem muita riqueza e propriedades, está ansioso de que ele volte.

Neste mundo material sofremos sempre sob a influência das três misérias: as misérias que surgem do corpo e da mente, as que são causadas por outras entidades vivas e as que são decorrentes de catástrofes naturais. Por estarmos cobertos pela ilusão, pelos modos da natureza material, não levamos em conta essas misérias. No entanto, devemos sempre nos lembrar de que nos submetemos a tanto sofrimento neste mundo material. Alguém que tem sua consciência suficientemente desenvolvida, que é inteligente, vai perguntar por que está sofrendo. “Não quero misérias. Por que estou sofrendo?” Há uma oportunidade de se tornar consciente de Kṛṣṇa quando surgem perguntas assim.

Kṛṣṇa nos recebe com muita cordialidade tão logo nos rendemos a Ele. É como um filho perdido que volta a

A Caminho de Kṛṣṇa

seu pai e diz: “Meu querido pai, por causa de um desentendimento deixei sua proteção, mas sofri. Agora volto ao senhor”. E o pai abraça seu filho e responde: “Querido filho, venha. Estive tão preocupado com você todos esses dias em que você esteve fora, e agora estou tão feliz que você tenha voltado”. O pai é muito bondoso. Estamos agora na mesma posição. Temos de nos render a Kṛṣṇa e isto não é muito difícil. Será que é muito difícil para um filho se render ao pai? É muito natural e o pai está sempre esperando para receber o filho. Insultos estão fora de cogitação. Não haverá perda para nós, nem será muito difícil, se nos prostrarmos diante de nosso Pai Supremo e tocarmos Seus pés. Na verdade, será glorioso para nós. Por que não fazer isto? Ao nos rendermos a Kṛṣṇa, imediatamente ficamos sob Sua proteção e nos aliviamos de todas as misérias. Isto é ratificado por todas as escrituras. Śrī Kṛṣṇa diz no final do *Bhagavad-gītā*:

*sarva-dharmān parityajya / mām ekam śaraṇam vraja
aham tvām sarva-pāpebhyo / mokṣayiṣyāmi mā śucaḥ*

“Abandona todas as variedades de religião e simplesmente rende-te a Mim. Eu te libertarei de toda reação pecaminosa. Não temas” (*Bhagavad-gītā* 18.66).

Quando nos lançamos aos pés de Deus, ficamos sob Sua proteção, e a partir deste ponto não sentiremos mais temor. As crianças não têm medo quando estão sob a proteção de seus pais, pois elas sabem que eles não deixarão que algo lhes cause mal. *Mām eva ye prapadyante*: Kṛṣṇa promete que aquele que se rende a Ele não precisa ter medo.

Render-se a Kṛṣṇa é algo tão fácil, então por que as pessoas não se rendem? Ao invés disto, há muitos que desafiam a própria existência de Deus, alegando que existe apenas a natureza e a ciência e que Deus não é nada. O suposto avanço da civilização em conhecimento quer dizer que a população está se tornando mais louca. Ao invés de ser curada, a doença está aumentando. As pessoas não se importam com Deus, mas sim com a natureza, e é o dever da natureza dar chutes sob a forma das três misérias. Ela está sempre administrando estes chutes, vinte e quatro horas por dia. No entanto, já nos acostumamos tanto a estes chutes que os consideramos corretos e normais. Tornamo-nos tão orgulhosos de nossa educação, mas dizemos à natureza material: “Muito obrigado por chutar-me. Agora, por favor, continue”. Iludidos assim, cremos que conquistamos até mesmo a própria natureza material. Mas como é isto? A natureza ainda nos inflige com as misérias do nascimento, velhice, doença e morte. Será que alguém já resolveu esses problemas? Caso contrário, que avanço realmente fizemos em civilização e conhecimento? Estamos sob as estritas regras da natureza material, porém, ainda pensamos que a conquistamos. Isto se chama *māyā*.

Talvez haja alguma dificuldade em se render ao pai deste corpo, pois ele tem conhecimento e poder limitados, mas Kṛṣṇa não é como um pai comum. Kṛṣṇa é ilimitado e tem pleno conhecimento, pleno poder, plena riqueza, plena beleza, plena fama e plena renúncia. Será que não devemos nos considerar afortunados de ir a esse pai e desfrutar Sua propriedade? Ainda assim, parece que ninguém se interessa por isto, e agora há tanta propaganda de que Deus não existe. Por que as pessoas não O buscam? A resposta é dada no seguinte verso do *Bhagavad-gītā*:

*na mām duṣkṛtino mūḍhāḥ / prapadyante narādhamāḥ
māyayāpahṛta-jñānā / āsuram bhāvam āśritāḥ*

“Aqueles canalhas que, grosseiros e tolos, são os mais baixos da humanidade, e cujo conhecimento é roubado pela ilusão, compartilham da natureza ateísta dos demônios e não se rendem a Mim” (*Bhagavad-gītā* 7.15).

Definem-se os tolos dessa maneira. Um *duṣkṛtī* está sempre agindo contra os preceitos das escrituras. A tendência da civilização atual é quebrar as regras das escrituras, e nada mais. Piedoso é aquele homem que, por definição, não age assim. Deve haver algum padrão para diferenciarmos um *duṣkṛtī* (um malfeitor) de um *sukṛtī* (um virtuoso). Todos os países civilizados possuem uma escritura, seja cristã, hindu, muçulmana ou budista. Isto não importa. O importante é que deve existir um livro de autoridade, a escritura. Considera-se ilegal não seguir esses preceitos.

Outra categoria mencionada neste verso é *mūḍha*, tolo número um. O *narādhamā* é aquele que é inferior na categoria humana, e *māyayāpahṛta-jñāna* refere-se àquele que tem seu conhecimento roubado por *māyā*, ou ilusão. *Āsuram bhāvam āśritāḥ* refere-se aos grandes ateístas. Embora não haja nenhuma desvantagem em se render ao Pai, essas pessoas supracitadas jamais se rendem. Como resultado, estão sendo constantemente punidas pelos agentes do Pai. Elas têm de sofrer, levar tapas e serem severamente chutadas. Assim como um pai tem de castigar seu filho indisciplinado, a natureza material tem de empregar certas punições. Ao mesmo tempo, a natureza nos mantém suprindo-nos alimentos e outras necessidades.

Os dois processos ocorrem simultaneamente porque somos filhos do Pai mais rico de todos e, embora não nos rendamos a Ele, Kṛṣṇa é muito bondoso. Apesar de ser tão bem suprido pelo Pai, o *duṣkṛtī* ainda executa atos proibidos. Tolo é aquele que persiste em ser punido; e inferior na categoria humana é aquele que não utiliza esta forma de vida humana para compreender Kṛṣṇa. Considera-se inferior na categoria humana aquele que não usa sua vida para despertar novamente o relacionamento que tem com o verdadeiro Pai.

Os animais só comem, dormem, defendem-se, acasalam-se e morrem. Eles não tiram proveito de uma consciência superior, pois isto não é possível nas formas de vida inferior. Se um ser humano segue as atividades dos animais e não aproveita sua habilidade de sublimar sua consciência, ele cai da categoria humana e prepara-se para ter um corpo animal em sua vida seguinte. Em virtude da graça de Kṛṣṇa recebemos um corpo e inteligência muitíssimo desenvolvidos, mas por que Ele os dará novamente a nós, se não soubermos como utilizá-los? Devemos entender que este corpo humano desenvolveu-se depois de milhões e milhões de anos de evolução e que por si próprio é a oportunidade para sairmos do ciclo de nascimentos e mortes, o qual consiste em mais de oito milhões de formas de vida. Por Sua graça, Kṛṣṇa nos dá esta oportunidade, e se não a aproveitarmos, seremos considerados os mais baixos entre os homens. Pode-se ter um grau acadêmico da universidade — M.A., Ph.D., etc. —, mas a energia ilusória nos rouba este conhecimento mundano. Deveras inteligente é aquele que aplica sua inteligência para compreender quem é ele, quem é Deus, que é a natureza material, por que está sofrendo na natureza material e qual é o remédio para este sofrimento.

Podemos usar nossa inteligência para manufaturar um automóvel, rádio ou televisão para o gozo dos sentidos, porém, devemos entender que isto não é conhecimento. Ao contrário, isto é inteligência roubada. O homem recebeu inteligência para compreender os problemas da vida, porém, ela está sendo mal usada. As pessoas pensam que adquiriram conhecimento porque agora sabem como produzir e dirigir carros. Mas antes destes carros existirem as pessoas também iam de um lugar para outro. Apenas a facilidade é que aumentou. Porém, junto com esta facilidade vêm muitos problemas adicionais, tais como poluição do ar e avenidas congestionadas. Isto é *māyā*. Estamos criando facilidades, mas por sua vez essas facilidades estão criando tantos problemas.

Em vez de desperdiçarmos nossa energia para obtermos tantas facilidades e amenidades modernas, devemos empregar nossa inteligência na compreensão de quem e do que realmente somos. Ninguém gosta de sofrer, mas devemos entender por que o sofrimento nos é imposto. Através do suposto conhecimento, só saímos bem-sucedidos em produzir a bomba atômica. Acelerou-se, assim, o processo da matança. Estamos tão orgulhosos de pensar que isso é avanço de conhecimento, mas só o teremos na verdade quando pudermos criar algo que possa parar a morte. A morte já existe na natureza material, mas estamos tão ávidos de promovê-la matando a todos com um único golpe. Isto se chama *māyayāpahṛta-jñāna*, conhecimento roubado pela ilusão.

Os *āsuras*, demônios e ateístas declarados, desafiam Deus. Se não fosse por nosso Pai Supremo, não veríamos a luz do dia. Por que então desafiá-lo? Os *Vedas* afirmam que há duas classes de homens, os *devas* e os *āsuras*, ou semideuses e demônios. Quem são os *devas*? Os devotos do Senhor Supremo chamam-se *devas*, porque também se tornam como Deus, ao passo que aqueles que desafiam a autoridade do Supremo chamam-se *āsuras*, ou demônios. Sempre encontraremos estas duas classes de pessoas na sociedade humana.

Assim como existem quatro classes de canalhas que nunca se rendem a Kṛṣṇa, existem quatro classes de pessoas afortunadas que O adoram. Elas são categorizadas no verso seguinte: “Ó melhor entre os Bhāratas (Arjuna), quatro classes de homens piedosos prestam serviço devocional a Mim: o aflito, o que deseja riquezas, o curioso e aquele que busca conhecimento do Absoluto” (*Bhagavad-gītā* 7.16).

Este mundo material é repleto de misérias, que afligem tanto os piedosos quanto os impiedosos. O frio do inverno trata a todos igualmente. Não discrimina entre piedoso ou impiedoso, rico ou pobre. No entanto, a diferença entre o piedoso e o impiedoso é que o piedoso pensa em Deus quando está em uma condição miserável. De modo geral, quando um homem está aflito, ele vai à igreja e ora: “Ó meu Senhor, estou em dificuldades. Por favor, ajude-me”. Embora esteja orando por alguma necessidade material, devemos considerá-lo um homem piedoso, pois foi buscar Deus em sua aflição. Do mesmo modo, um pobre poderá ir à igreja e orar: “Meu querido Senhor, por favor, dê-me algum dinheiro”. Por outro lado, o curioso em geral, é inteligente. Ele está sempre procurando compreender as coisas. Ele pode perguntar quem é Deus, e então conduzir uma pesquisa científica para descobrir. Ele também é piedoso, pois sua busca é direcionada ao objeto correto. O homem em conhecimento chama-se um *jñānī*, aquele que compreendeu sua posição constitucional. Esse *jñānī* pode ter um conceito impessoal de Deus, mas também devemos considerá-lo piedoso, porque ele está se refugiando na Suprema Verdade Absoluta. Essas quatro classes de homens chamam-se *sukṛtī*, piedosos, porque estão todos em busca de Deus.

A Caminho de Kṛṣṇa

*teṣāṁ jñānī nitya-yukta / eka-bhaktir viśiṣyate
priyo hi jñānino tyartham / ahaṁ sa ca mama priyaḥ*

“Destes, o sábio que possui conhecimento pleno e está unido a Mim através do serviço devocional puro, é o melhor. Pois Eu sou muito querido para ele, e ele é querido para Mim” (*Bhagavad-gītā* 7.17).

Das quatro classes de homens que se aproximam de Deus, aquele que está tentando filosoficamente compreender a natureza de Deus, que está tentando tornar-se consciente de Kṛṣṇa — *viśiṣyate* — é o mais qualificado. De fato, Kṛṣṇa diz que essa pessoa Lhe é muito querida porque seu único interesse é compreender Deus. Os outros são inferiores. Ninguém deve orar a Deus para pedir nada, e quem assim o faz é um tolo pois não sabe que Deus, que é onisciente, está dentro de seu coração e sabe muito bem quando ele está aflito ou necessitado de dinheiro. O sábio compreende isto e não ora para obter alívio das misérias materiais. Ao contrário, em suas orações, ele glorifica Deus e informa os outros quão grande é o Senhor. Ele não ora por seu interesse pessoal, seu pão, roupa ou abrigo. Quando o devoto puro está em dificuldades, ele diz: “Querido Senhor, esta é Sua bondade. O Senhor me colocou nesta aflição apenas para me retificar. Eu deveria estar em aflição ainda maior, mas por Sua misericórdia o Senhor a minimizou”. Esta é a visão do devoto puro que não se perturba.

Quem está em consciência de Kṛṣṇa não se preocupa com a miséria material, insulto ou honra, porque está à parte de tudo isto. Ele sabe muito bem que a aflição, honra e insulto pertencem apenas ao corpo e que ele não é esse corpo. Sócrates, por exemplo, que acreditava na imortalidade da alma, foi condenado à morte, e quando Lhe perguntaram como ele gostaria que fosse enterrado, ele respondeu que primeiro de tudo ele teria que ser capturado. Portanto, aquele que sabe que não é esse corpo não se perturba, pois entende que a alma não pode ser capturada, torturada, morta ou enterrada. Aquele que é versado na consciência de Kṛṣṇa sabe perfeitamente bem que não é esse corpo, que é parte integrante de Kṛṣṇa, que seu verdadeiro relacionamento é com Kṛṣṇa e que, de uma ou outra maneira, embora tenha sido colocado neste corpo material, ele tem que estar livre das três qualidades da natureza material. Ele não se interessa pelos modos da bondade, paixão ou ignorância, mas sim por Kṛṣṇa. Quem compreende isto é um *jñānī*, um sábio, e é muito querido por Kṛṣṇa. Quando um miserável recebe muita opulência talvez se esqueça de Deus, porém, um *jñānī*, que conhece a verdadeira posição de Deus, nunca irá esquecer-lo.

Existe uma classe de *jñānīs*, chamados de impersonalistas, que dizem que se deve imaginar uma forma de Deus uma vez que adorar o impessoal é muito difícil. Esses não são os verdadeiros *jñānīs*; eles são tolos. Ninguém pode imaginar a forma de Deus, pois Deus é muito grande. Pode-se imaginar uma forma, porém, isto é uma invenção. Não é a forma verdadeira. Existem aqueles que imaginam uma forma de Deus e aqueles que negam a forma de Deus. Nenhum dos dois é um *jñānī*. Aqueles que imaginam uma forma são os iconólatras. Durante as revoltas entre muçulmanos e hindus, na Índia, alguns hindus iam às mesquitas muçulmanas e quebravam estátuas e imagens de Deus, e os muçulmanos revidavam. Desse modo os dois grupos pensavam: “Nós matamos o Deus hindu. Nós matamos o Deus muçulmano”. Da mesma forma, quando Gandhi liderava seu movimento de resistência, muitos indianos iam às ruas e destruíam as caixas do correio e desse modo pensavam que estavam destruindo o serviço postal do governo. Pessoas com esta mentalidade não são *jñānīs*. Guerras religiosas entre hindus e muçulmanos e cristãos e não-cristãos foram todas conduzidas em base da ignorância. Aquele que tem conhecimento sabe que Deus é um, que não pode ser muçulmano, hindu ou cristão.

É nossa imaginação que Deus é dessa ou daquela maneira. Tudo isto é imaginação. O verdadeiro sábio entende que Deus é transcendental. Quem realmente conhece Deus, entende que Ele é transcendental aos modos materiais. Deus está sempre ao nosso lado, presente em nossos corações. Quando deixarmos este corpo, Deus também irá conosco; e quando aceitarmos outro corpo, Ele nos acompanhará apenas para ver o que estamos fazendo. Quando voltaremos nossos rostos para Ele? Ele está sempre esperando. Logo que virarmos nosso rosto em direção a Deus, Ele dirá: “Meu querido filho, venha — *sa ca mama priyaḥ* — você é eternamente querido para Mim. Agora você está se voltando para Mim e estou muito feliz”.

O sábio, o *jñānī*, compreende de fato a ciência de Deus. Aquele que compreende apenas que “Deus é bom” está em um estado preliminar, mas aquele que realmente compreende quão grande e bom é Deus, está mais avançado. Podemos encontrar este conhecimento no *Śrīmad-Bhāgavatam* e *Bhagavad-gītā*. Quem realmente está interessado em Deus deve estudar a ciência de Deus, o *Bhagavad-gītā*

*idam tu te guhyatamaṁ / pravakṣyāmy anasūyave
jñānaṁ vijñāna-sahitaṁ / yaj jñātvā mokṣyase śubhāt*

A Caminho de Kṛṣṇa

“Meu querido Arjuna, porque nunca Me invejas, Eu te revelarei esta sabedoria, que é a mais secreta, conhecendo a qual te aliviarás das misérias da existência material” (*Bhagavad-gītā* 9.1).

O conhecimento de Deus dado no *Bhagavad-gītā* é muito sutil e confidencial. É repleto de *jñāna*, conhecimento metafísico, e *vijñāna*, conhecimento científico. E também é repleto de mistério. Como pode alguém compreender este conhecimento? Ele deve ser transmitido pelo próprio Deus ou por um representante genuíno de Deus. Portanto, o Senhor Kṛṣṇa diz que sempre que há uma discrepância na compreensão da ciência de Deus, Ele próprio encarna.

O conhecimento também não vem do sentimento. A devoção não é sentimento. É uma ciência. Śrīla Rūpa Gosvāmī diz que uma mostra de espiritualidade não fundamentada no conhecimento védico é um mero distúrbio na sociedade. Devemos saborear o néctar da devoção através da razão, argumento e conhecimento, e então devemos passá-lo aos outros. Não devemos pensar que a consciência de Kṛṣṇa é mero sentimentalismo. Esta dança e canto são completamente científicos. Existe uma ciência e também uma reciprocidade amorosa. Kṛṣṇa é muito querido ao sábio, e o sábio é muito querido a Kṛṣṇa. Kṛṣṇa retribuirá nosso amor milhares de vezes mais. Que capacidade temos nós, criaturas finitas, de amar Kṛṣṇa? Mas Kṛṣṇa tem imensa capacidade — ilimitada capacidade — para amar.

5. Dirigindo-se ao Supremo

*udārāḥ sarva evaite / jñānī tv ātmaiva me matam
āsthitaḥ sa hi yuktātmā / mām evānuttamām gatim*

“Todos esses devotos são sem dúvida almas magnânimas, mas aquele que está situado em conhecimento de Mim, considero que em verdade mora em Mim. Ocupado em Meu serviço transcendental, ele Me alcança” (*Bhagavad-gītā* 7.18).

Kṛṣṇa diz aqui que todos que chegam a Ele — sejam os aflitos, os necessitados, os curiosos e os sábios — são bem-vindos. Porém, dentre todos, aquele que tem conhecimento Lhe é muito querido. Os outros são bem-vindos, pois entende-se que, com o passar do tempo, se continuarem no caminho rumo a Deus, eles se igualarão ao homem com conhecimento. O que geralmente acontece, no entanto, é que quando alguém vai à igreja em busca de dinheiro e este não vem, ele conclui que ir a Deus é um contra-senso e, assim, rompe suas relações com a igreja. Este é o perigo de se dirigir a Deus com motivos ulteriores. Por exemplo, durante a Segunda Guerra Mundial houve o caso de muitas esposas de soldados alemães que iam à igreja orar para que seus esposos retornassem sãos e salvos. Porém, quando descobriram que eles tinham sido mortos na guerra, elas tornaram-se ateístas. Assim, queremos que Deus Se torne o supridor de nossos pedidos. E caso Ele não satisfaça nossos desejos, dizemos que Deus não existe. Este é o resultado de orarmos por coisas materiais.

A este respeito, há a história de um menino, de mais ou menos cinco anos de idade. Seu nome era Dhruva e ele pertencia à família real. Com o passar do tempo, seu pai, que era o rei, cansou-se de sua esposa e a destituiu como rainha. Ele então aceitou outra mulher como rainha e esta, por sua vez, tornou-se a madrasta do menino. Ela tinha muita inveja de Dhruva e, certo dia, enquanto ele estava sentado no colo de seu pai, ela o insultou. “Você não pode sentar-se no colo de seu pai”, disse ela, “porque você não é meu filho”. Ela tirou Dhruva do colo do rei, fazendo com que ele ficasse irado. O menino era filho de um *kṣatriya*, e os *kṣatriyas* são famosos por seu temperamento forte. Dhruva considerou isto um grande insulto e foi ter com sua mãe, que tinha sido despojada.

— Querida mãe — disse ele — minha madrasta insultou-me, arrancando-me do colo de meu pai.

— Querido filho — respondeu a mãe — que posso fazer? Sou indefesa e seu pai não me quer mais.

— Bem, como posso vingar-me? — perguntou o menino.

— Querido menino, você está desamparado. Somente se Deus lhe ajudar você poderá se vingar.

— Oh! Onde está Deus? — perguntou Dhruva com muito entusiasmo.

— Sei que muitos sábios vão às selvas e florestas para verem Deus — disse a mãe. — Eles se submetem a grandes penitências e austeridades para encontrarem-se com Deus.

Dhruva logo foi à floresta e começou a perguntar ao tigre e ao elefante: — Você é Deus? Você é Deus? Ele perguntava, então, para todos os animais. Vendo que Dhruva estava muito indagador, Śrī Kṛṣṇa mandou Nārada Muni para investigar a situação. Nārada foi rapidamente à floresta e encontrou Dhruva.

— Meu querido menino — disse Nārada — você pertence à família real. Não pode sujeitar-se a toda esta penitência e austeridade. Por favor, volte para casa. Sua mãe e seu pai estão muito preocupados com você.

— Por favor, não tente me desviar do meu objetivo — respondeu o menino. — Se você souber algo sobre Deus ou se souber como posso ver Deus, então por favor diga-me. Caso contrário, vá embora e não me atrapalhe.

Ao ver que Dhruva era tão determinado, Nārada iniciou-o como discípulo e deu-lhe o *mantra* “*om namo bhagavate vāsudevāya*”. Dhruva cantou este *mantra* e tornou-se perfeito, e Deus veio diante dele.

— Meu querido Dhruva, o que queres? Podes pedir-me qualquer coisa.

— Meu querido Senhor — respondeu o menino — aceitei penitências tão severas só para obter o reino e a terra de meu pai, mas agora estou Te vendo. Mesmo os grandes sábios e santos não podem Te ver. Qual é meu lucro? Eu deixei o meu lar em busca de cacos de vidro e lixo, e em vez disso encontrei um diamante valiosíssimo. Agora estou satisfeito. Não preciso pedir-Te nada.

Dessa maneira, embora a pessoa possa estar necessitada ou aflita, se ela busca Deus com a mesma determinação que Dhruva, decidida a ver Deus e receber Sua bênção, e se acaso ela vir Deus, não mais quererá nada material. Ela chega à compreensão de que é tolice possuir bens materiais; então troca a ilusão pelo objeto verdadeiro. Ao situar-se em consciência de Kṛṣṇa, como Dhruva Mahārāja, ela fica plenamente satisfeita e não deseja mais nada.

O *jñānī*, o sábio, sabe que os objetos materiais são efêmeros. Ele também sabe que existem três aspectos que complicam todo ganho material: a pessoa deseja lucros de seu trabalho, deseja ser adorada por outros devido à sua riqueza e quer ser famosa por causa de seus bens. De qualquer forma, ele sabe que tudo isso refere-se apenas ao corpo e que quando o corpo se acaba, tudo se perde. Quando o corpo morre, a pessoa não

A Caminho de Kṛṣṇa

é mais um rico, mas sim alma espiritual, e, de acordo com suas atividades, ela tem de entrar em outro corpo. O *Gītā* diz que um sábio não se confunde com isso, pois ele conhece as coisas como elas são. Por que, então, deve ele dar-se ao trabalho de adquirir riqueza material? Sua atitude é: “Tenho uma ligação eterna com Kṛṣṇa, o Senhor Supremo. Agora devo estabelecer firmemente essa relação de modo que Kṛṣṇa irá me levar de volta para Seu reino”.

A criação cósmica nos está dando toda a facilidade para restabelecemos esta relação com Kṛṣṇa e retornarmos ao Supremo. Esta deve ser a missão de nossa vida. Deus está fornecendo-nos tudo que precisamos: terra, cereais, frutas, leite, refúgio e vestimentas. Só temos de levar uma vida pacífica e cultivar a consciência de Kṛṣṇa. Devemos, portanto, estar satisfeitos com o que Deus nos forneceu, tais como alimentos, refúgio, defesa e sexo, e não devemos desejar mais e mais. A melhor espécie de civilização é a que segue o lema “vida simples e pensamento elevado”. Ninguém pode criar alimentos ou sexo numa fábrica. Tudo que precisamos é fornecido por Deus. Nosso dever é tirarmos proveito de tudo isso para nos tornarmos conscientes de Deus.

Embora Deus nos tenha dado toda a facilidade para vivermos pacificamente nesta terra e desenvolvermos consciência de Kṛṣṇa, nesta era somos desafortunados. Temos vida curta, e existem tantas pessoas sem alimentos, abrigo, vida familiar ou defesa contra as investidas da natureza. Isto se deve à influência desta era de Kali. Portanto, o Senhor Caitanya Mahāprabhu, vendo a situação horrível desta era, enfatizou a absoluta necessidade de se cultivar a vida espiritual. E como devemos fazer isso? Caitanya Mahāprabhu dá a fórmula:

*harer nāma harer nāma harer nāmaiva kevalam
kalau nāsty eva nāsty eva nāsty eva gatir anyathā*

“Apenas, cante sempre Hare Kṛṣṇa”. Não se incomode se você está numa fábrica ou no inferno, numa cabana ou num arranha-céu. Simplesmente continue cantando Hare Kṛṣṇa, Hare Kṛṣṇa, Kṛṣṇa Kṛṣṇa, Hare Hare/ Hare Rāma, Hare Rāma, Rāma Rāma, Hare Hare. Não há despesas, não há empecilhos, não há casta, não há credo, não há cor — qualquer um pode cantar. Apenas cante e ouça.

Se, de alguma maneira, a pessoa entra em contato com a consciência de Kṛṣṇa e pratica o processo sob a guia de um mestre genuíno, ela decerto voltará a Deus.

*bahūnām janmanām ante / jñānavān mām prapadyate
vāsudevaḥ sarvam iti / sa mahātmā sudurlabhaḥ*

“Após muitos nascimentos e mortes, aquele que realmente tem conhecimento rende-se a Mim, sabendo que sou a causa de todas as causas e de tudo o que existe. Semelhante grande alma é muito rara” (*Bhagavad-gītā* 7.19).

A pesquisa filosófica sobre a ciência de Deus leva muitas vidas. A compreensão de Deus é muito fácil, mas ao mesmo tempo muito difícil. É fácil para quem aceita a palavra de Kṛṣṇa como a verdade. Porém, aqueles que tentam chegar à verdade através do trabalho de pesquisa e do avanço de conhecimento, têm de criar sua fé após tanto esforço. Por isso, semelhante processo leva muitas vidas. Existem duas classes distintas de transcendentalistas, chamados *tattvavit*, que conhecem a Verdade Absoluta. Os transcendentalistas definem a Verdade Absoluta como aquele em quem não existe dualidade. Na Verdade Absoluta não há dualidade — tudo está no mesmo nível. Quem de fato conhece isso chama-se *tattvavit*.

Kṛṣṇa declara que a Verdade Absoluta é conhecida em três aspectos — Brahman, Paramātmā e Bhagavān — a impessoal refulgência Brahman, a Superalma localizada e a Suprema Personalidade de Deus. Dessa maneira, pode-se perceber a Verdade Absoluta de três pontos de vista. Pode-se observar uma montanha a grande distância e assim percebê-la de um ponto de vista. À medida que se chega mais perto, pode-se ver as árvores e a folhagem da montanha. E subindo a montanha, encontrar-se-á tanta variedade, tais como árvores, plantas e animais. O objeto visto é o mesmo, porém, devido a diferentes pontos de vista, os sábios têm diferentes concepções da Verdade Absoluta. Há um outro exemplo: existe o brilho do sol, o disco solar e o deus do Sol. Quem está sob o brilho do sol não pode alegar que está no próprio Sol, e quem está no Sol encontra-se, do ponto de vista da visão, melhor situado. O brilho do sol pode ser comparado ao todo-penetrante e refulgente *brahmajyoti*. O disco solar pode ser comparado ao aspecto localizado da Superalma. E o deus do Sol, que reside lá, pode ser comparado a Personalidade de Deus. Assim como nesta Terra temos uma multivariada de seres vivos, podemos saber, através da literatura védica, que no Sol também existe uma variedade de seres vivos, porém, seus corpos são constituídos de fogo, tal como os nossos são constituídos de terra.

Na natureza material existem cinco elementos grosseiros: terra, água, ar, fogo e espaço. Em diferentes planetas há diferentes atmosferas, devido à predominância de um desses cinco elementos. E há diferentes corpos para os seres vivos constituídos do elemento predominante de cada planeta específico. Não devemos pensar que todos os planetas têm a mesma qualidade de vida. Contudo, há uniformidade no que diz respeito à presença desses cinco elementos em uma ou outra forma. Logo, em alguns planetas a terra é proeminente; noutros planetas o fogo é proeminente; noutros, a água; noutros, o ar; e noutros, o espaço. Não devemos concluir, portanto, que só porque um planeta não é constituído principalmente de terra, ou porque sua atmosfera não se assemelha à nossa, não existe vida nesses planetas. A literatura védica nos informa de que há incontáveis planetas repletos de seres vivos com diferentes classes de corpos. Assim como, através de alguma adaptação material, podemos nos qualificar para entrar em diversos planetas materiais, através de qualificação, podemos entrar no céu espiritual onde o Senhor Supremo reside.

“Aqueles que adoram os semideuses nascerão entre os semideuses; aqueles que adoram fantasmas ou espíritos nascerão entre tais seres; aqueles que adoram os ancestrais irão ter com os ancestrais; e aqueles que Me adoram viverão comigo” (*Bhagavad-gītā* 9.25).

Quem está tentando entrar nos planetas superiores pode ir lá, e quem está tentando se qualificar para entrar em Goloka Vṛndāvana, o planeta de Kṛṣṇa, também pode entrar lá mediante o processo da consciência de Kṛṣṇa. Antes de irmos à Índia, podemos ler uma descrição de como é esse país; ouvir sobre um lugar é a primeira experiência. De igual modo, se queremos obter informação sobre o planeta onde Deus vive, temos de ouvir. Não podemos imediatamente fazer uma experiência e ir lá. Isso não é possível. Porém, temos tantas descrições do planeta supremo na literatura védica. Por exemplo, o *Brahma-saṁhitā* declara: “Adoro Govinda, o Senhor primordial, o primeiro progenitor, que, em moradas construídas de jóias espirituais e cercadas de milhões de árvores dos desejos, apascenta as vacas, satisfazendo todos os desejos. Centenas de milhares de *lakṣmīs*, ou *gopīs*, sempre Lhe prestam serviço com muita reverência e afeição”. Também há muitas outras descrições detalhadas, sobretudo no *Brahma-saṁhitā*.

Aqueles que tentam compreender a Verdade Absoluta são categorizados segundo o aspecto da Verdade Absoluta em que se concentram. Aqueles que se concentram no Brahman, os impersonalistas, chamam-se *brahmavādīs*. Em geral, quem está tentando compreender a Verdade Absoluta, primeiro compreende o *brahmajyoti*. Aqueles que se concentram na Superalma, a forma localizada do Senhor no coração, chamada Paramātmā, chamam-se *paramātmavādīs*. O Senhor Supremo, em Sua porção plenária, está no coração de todos, e através da meditação e concentração pode-se perceber essa forma. Ele não só está dentro do coração de todos, como também está situado dentro de cada átomo da criação. Essa compreensão de Paramātmā é a segunda etapa. A terceira e última etapa é a compreensão de Bhagavān, a Suprema Personalidade de Deus. Porque existem três etapas principais de compreensão, não se pode alcançar a Suprema Verdade Absoluta em uma vida. *Bahūnām janmanām ante*. Se alguém é afortunado, pode alcançar a etapa última em um segundo. Porém, em geral, leva-se muitíssimos anos e vidas para se compreender quem é Deus.

“Eu sou a origem de todos os mundos espirituais e materiais. Tudo emana de Mim. O sábio que conhece isso perfeitamente ocupa-se em Meu serviço devocional e adora-Me com todo o seu coração” (*Bhagavad-gītā* 10.8).

O *Vedānta-sūtra* também confirma que a Verdade Absoluta é aquele de quem tudo nasce. Se realmente acreditamos que Kṛṣṇa é a origem de tudo, e se O adoramos, todo o nosso processo está terminado em um segundo. Contudo, se alguém não acredita e diz que quer ver quem é Deus, ele tem de se elevar por etapas. Primeiro, tem de compreender a impessoal refulgência Brahman; então, Paramātmā, o aspecto localizado; e, afinal, chegar à etapa última de compreensão, ou seja, a Suprema Personalidade de Deus. Deve-se entender, todavia, que esse processo leva mais tempo. Quando, após muitos anos de pesquisa, alguém chega a compreender a Verdade Absoluta, conclui que *vāsudevaḥ sarvam iti*: “Vāsudeva é tudo que existe”.

Vāsudeva é um nome de Kṛṣṇa, e significa “aquele que vive em toda parte”. Compreendendo que Vāsudeva é a raiz de tudo — *mām prapadyate* — ele se rende. O processo de rendição é a meta última; ou ele é alcançado imediatamente ou após muitas vidas de trabalho de pesquisa. De qualquer forma, deve haver rendição e entendimento de que “Deus é grande e eu sou seu subordinado”.

Em virtude dessa compreensão, o sábio se rende de imediato, em vez de esperar muitas e muitas vidas. Ele entende que essa informação foi dada pelo Senhor Supremo devido a Sua misericórdia infinita para com as almas condicionadas. Somos todos almas condicionadas, sofrendo as três classes de misérias deste mundo material. Agora o Senhor Supremo nos está dando, através do processo de rendição, a oportunidade de escaparmos dessas misérias.

A esse ponto, talvez alguém pergunte por que existem tantos processos de adoração no mundo, já que a Personalidade Suprema é a meta última e que todos devem se render a Ele. O verso seguinte responde essa pergunta.

“Aqueles cujas mentes estão confundidas por desejos materiais rendem-se aos semideuses e seguem as regras e regulações específicas de adoração de acordo com suas próprias naturezas” (*Bhagavad-gītā* 7.20).

Há muitas classes de homens no mundo, e eles atuam sob os diferentes modos da natureza material. De modo geral, a maioria deles não busca a liberação. Se acaso aceitam a espiritualidade, eles visam a obter algo através de poder espiritual. É comum na Índia que uma pessoa procure um *svāmī* e peça-lhe um remédio que possa curar a sua doença. Ela pensa que como um médico é muito caro, é melhor procurar um *svāmī* que faça milagres. Na Índia, há *svāmīs* que vão às casas das pessoas e dizem: “Se você me der trinta gramas de ouro, posso transformá-los em trezentos gramas de ouro”. Elas então pensam: “Tenho cem gramas de ouro. Vou dar-lhe este ouro, e obterei quinhentos gramas”. Dessa maneira, o *svāmī* coleta todo o ouro da vila e depois desaparece. Essa é nossa doença: ao procurarmos um *svāmī*, ou um templo ou uma igreja, nossos corações estão cheios de desejos materiais. Em busca de algum lucro material na vida espiritual, praticamos *yoga* apenas para manter bem nossa saúde. Porém, a fim de nos mantermos saudáveis, por que se refugiar em *yoga*? Podemos manter-nos saudáveis através de exercícios regulares e dieta regulada. Por que recorrer à *yoga*? Porque *kāmais tais tair hr̥tajñānāḥ*. Vamos à igreja com o desejo material de nos mantermos bem e de desfrutarmos a vida, e assim fazer de Deus o nosso empregado.

Cheios de desejos materiais, os homens adoram diversos semideuses. Eles não têm idéia de como livrar-se da matéria; e querem desfrutar ao máximo o mundo material. Por exemplo, na literatura védica, recomendam-se diversos processos: se alguém quer curar sua doença, deve adorar o Sol; se uma moça quer um bom esposo, deve adorar o Senhor Śiva; se alguém quer se tornar belo, deve adorar tal deus; e se quer se tornar culto, deve adorar a deusa Sarasvatī. Por isso, os ocidentais sempre pensam que os hindus são politeístas, mas na verdade essa adoração não é para Deus, senão que para os semideuses. Não devemos considerar que os semideuses são Deus. Deus é um, porém, existem semideuses que também são entidades vivas como nós. A diferença é que eles têm uma considerável quantidade de poder. Nesta Terra, talvez haja um rei, presidente ou ditador — eles são como nós, mas têm algum poder extraordinário, e para obtermos favores deles, para tirar proveito de seus poderes, nós os adoramos de alguma maneira. Todavia, o *Bhagavad-gītā* condena a adoração dos semideuses. Este verso claramente afirma que as pessoas adoram os semideuses devido à *kāma*, luxúria material.

Esta vida material é apenas baseada em luxúria; queremos desfrutar este mundo, e amamos este mundo material, pois queremos gozar nossos sentidos. Essa luxúria é o reflexo pervertido de nosso amor por Deus. Em nossa constituição original, estamos destinados a amar Deus, porém, como nos esquecemos de Deus, amamos a matéria. O amor existe. Ou amamos a matéria ou amamos Deus. Mas de maneira nenhuma podemos nos livrar dessa propensão amorosa. De fato, sempre vemos que quando alguém não tem filhos, ele ama um gato ou um cão. Por quê? Porque queremos e precisamos amar algo. Na ausência da realidade, depositamos nossa fé e amor em cães e gatos. O amor sempre existe, mas se manifesta pervertido sob a forma de luxúria. Quando esta luxúria é malograda, ficamos irados; quando nos iramos, ficamos iludidos; e quando nos iludimos, estamos condenados. Isso é o que está acontecendo, mas temos de reverter este processo, transformando luxúria em amor. Se amamos Deus, amamos tudo. Porém, se não amamos Deus, é impossível amar qualquer coisa. Talvez pensemos que é amor, mas não passa de uma forma glamourosa de luxúria. Considera-se que quem se tornou um cão da luxúria, perdeu todo o bom senso: *kāmais tais tair hr̥tajñānāḥ*.

Existem nas escrituras muitas regras e regulações na adoração dos semideuses, e talvez alguém pergunte por que a literatura védica recomenda essa adoração. Porque há necessidade. Aqueles que são motivados pela luxúria querem a oportunidade de amar algo, e os semideuses são reconhecidos como os funcionários do Senhor Supremo. O propósito é que conforme alguém adora esses semideuses, pouco a pouco desenvolve consciência de Kṛṣṇa. Mas se a pessoa é completamente ateuista e desobediente a qualquer autoridade, que esperança existe? Então, a obediência a uma personalidade superior pode começar com a adoração aos semideuses.

Se, contudo, aceitamos a adoração direta do Senhor Supremo, não é necessário a adoração aos semideuses. Quem adora o Senhor Supremo diretamente, mostra todo o respeito aos semideuses. Mas ele não precisa adorá-los, pois sabe que a autoridade suprema por trás dos semideuses é a Suprema Personalidade de Deus, e que ele está ocupado em adorá-LO. De qualquer forma, o respeito existe. Se o devoto do Senhor mostra respeito até mesmo a uma formiga, decerto ele também respeita os semideuses. O devoto é ciente de que todos os seres vivos são partes integrantes do Senhor Supremo e que estão apenas atuando em diferentes papéis.

Com relação ao Senhor Supremo, todos os seres devem ser respeitados. Portanto, o devoto se dirige aos outros como “Prabhu”, que significa “meu caro senhor”. Humildade é uma qualidade do devoto do Senhor. Os devotos são bondosos, obedientes, tem todas as boas qualificações. Enfim, se alguém torna-se um

A Caminho de Kṛṣṇa

devoto do Senhor, desenvolve automaticamente todas as boas qualificações. Por natureza, o ser vivo é perfeito. Mas, devido à contaminação da luxúria, ele fica contaminado. Aquilo que faz parte integrante do ouro também é ouro, e tudo que faz parte integrante do Perfeito Completo também é perfeito.

“A Personalidade de Deus é perfeito e completo. Porque Ele é completamente perfeito, todas as emanações dEle, tais como este mundo fenomenal, são perfeitamente equipadas como unidades completas. Tudo o que é produzido do todo completo também é completo em si mesmo. Porque é o todo completo, muito embora tantas unidades completas emanem dEle, Ele permanece o equilíbrio completo” (*Śrī īsopaniṣad*, Invocação).

Devido à contaminação da matéria, o ser vivo perfeito se degrada, porém, este processo da consciência de Kṛṣṇa vai torná-lo perfeito de novo. Por meio dele, a pessoa pode tornar-se deveras feliz, e após deixar o corpo material, entrar no reino onde há vida eterna, bem-aventurança e conhecimento pleno.